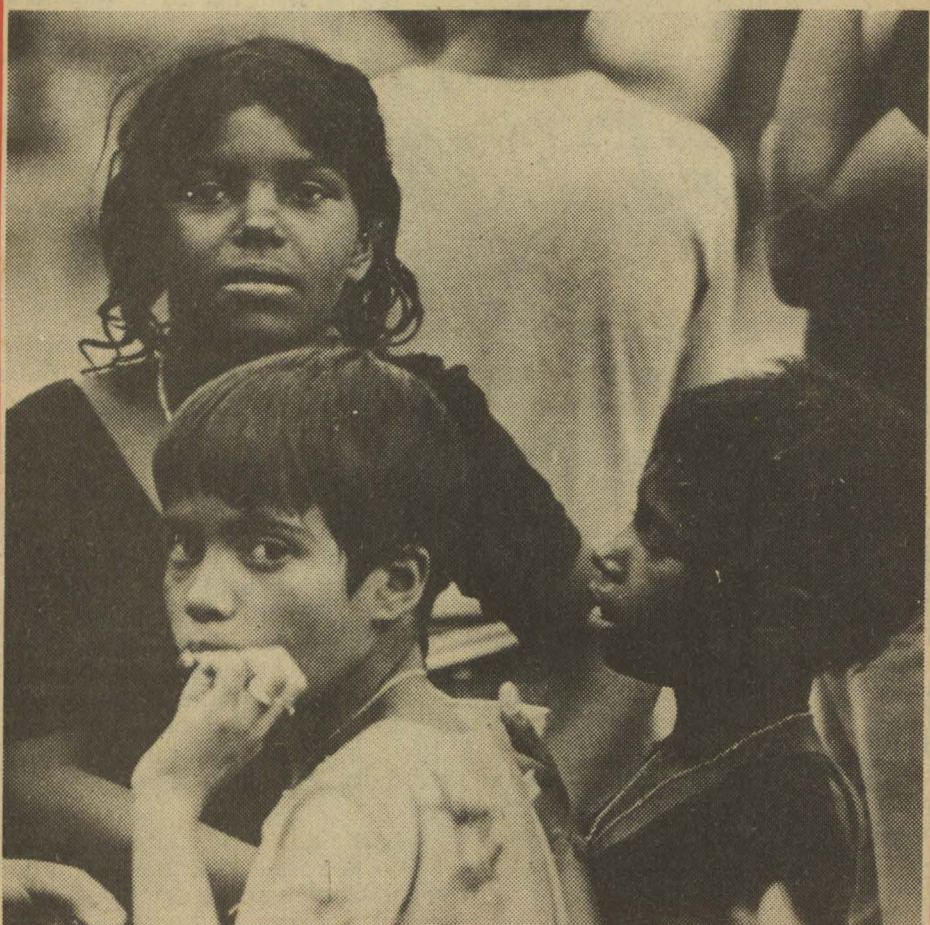




Só em São Paulo 5 mil crianças desaparecem por ano. Onde elas vão parar?

Crianças de até 3 anos condenadas à prostituição

Uma quadrilha internacional usa crianças - principalmente filhos de refugiados - para revistas, filmes pornográficos e para a prostituição. São meninos e meninas de 3 a 12 anos, alguns assassinados após o "serviço". Soldados americanos são os principais "consumidores". O Brasil também é afetado. Página 5.

Delegado acusa: General Cruz é o assassino

Os fatos são teimosos. Foi inútil a gritaria dos chefes militares de que era "revanchismo". As mentiras do general Cruz também não foram suficientes. O delegado Ivan Vasques recolheu provas irrefutáveis de que o ex-chefe da Agência Central do SNI comandou o seqüestro e assassinato de Alexandre Baumgarten, de sua esposa e do barqueiro Manuel.



Página 3

EDITORIAL

As greves e o FMI

O país não vai mais aceitar ingerência do FMI - foi o que garantiu o ministro Dilson Funaro, da Fazenda, ao regressar de Washington, onde entrevistou-se com Jacques Larosière, do FMI. Esta afirmação tem o inteiro apoio dos trabalhadores brasileiros. Mas precisa sair da palavra e transformar-se em ação concreta.

Na última greve dos bancários, por exemplo, ficou evidente que a pressão dos acordos com o FMI interferiu nas atitudes oficiais diante das reivindicações dos trabalhadores. E a posição arrogante dos banqueiros serviu para reforçar esta dependência.

Por exemplo em relação à trimestralidade: os ditames do FMI são no sentido de impedi-la a qualquer custo. E o ministro da Fazenda insistiu em não reconhecer este direito aos bancários. Queira ou não, com isto contribui para que se pague a dívida externa com a fome do povo. Em relação ao preço da carne também: o ministro abriu mão do tabelamento em troca de um acordo de "cavalheiros", que todo mundo considera um engodo. E agora, posando de inocente, prega o "boicote" das donas de casa para forçar os poderosos empresários a baixarem o preço.

As greves durante o regime militar tinham obrigatoriamente um aspecto político além do reivindicatório. Eram movimentos contra a repressão e pelo direito de greve. Hoje, de certa forma, apesar de ainda não revogar a velha lei antigreve, o governo tem adotado uma postura de não reprimir e de não casar as diretorias sindicais. Foi uma conquista importante da luta popular. Por isto, embora ainda seja necessário manter a exigência de plena liberdade de greve, os movimentos paredistas têm que voltar cada vez mais o gume de seu ataque contra o FMI, contra a escravização do país pela dívida externa. É também uma politiza-

ção da luta, mas de acordo com a nova situação criada.

Existe ainda uma outra questão política ligada com o movimento reivindicatório. Que os ministros do Trabalho e da Fazenda participem das negociações é absolutamente normal. Entretanto, é inadmissível que o SNI, reconhecidamente um órgão policialesco, incompatível com a democracia, meta o bedelho no assunto. E inclusive que faça pressão sobre o governo para divulgar notas infames acusando os trabalhadores de serem manipulados por subversivos, no velho estilo da ditadura. O SNI do general Newton Cruz, do escândalo Capemi etc., não tem nada a ver com greves e com trabalhadores. Aliás, nem deveria existir.

Esta situação comprova, mais uma vez, que no próprio seio da Nova República permanece a luta entre os que querem mudar e os conservadores. Por outro lado, a greve mostrou também que o governo é sensível às pressões. Os grevistas souberam agir diante deste quadro. Combinaram as negociações com a luta. Buscaram apoio na população e nos sindicatos de outras categorias. Desta forma contribuíram para reforçar as posições democráticas e progressistas e conquistaram vitórias.

O ministro Dilson Funaro assegurou ainda que o Brasil vai continuar crescendo. Entretanto, sem frear a sangria de dólares para o exterior, em função da dívida externa, não será fácil garantir este crescimento e impedir a recessão. De qualquer forma, o que não se pode aceitar é que esta retomada seja às custas dos assalariados, que já sofreram as desastrosas consequências da política entreguista dos generais e do arrocho salarial. É natural que os que vivem de seu trabalho queiram recuperar o poder aquisitivo de seus salários. E que, sempre que for necessário, recorram ao legítimo recurso da greve para dobrar os patrões.



O segredo da vitória dos bancários

A greve nacional dos bancários mostrou quais são os ingredientes necessários para vitória nas lutas salariais. Pág. 7

Canavieiros preparam greve em Pernambuco

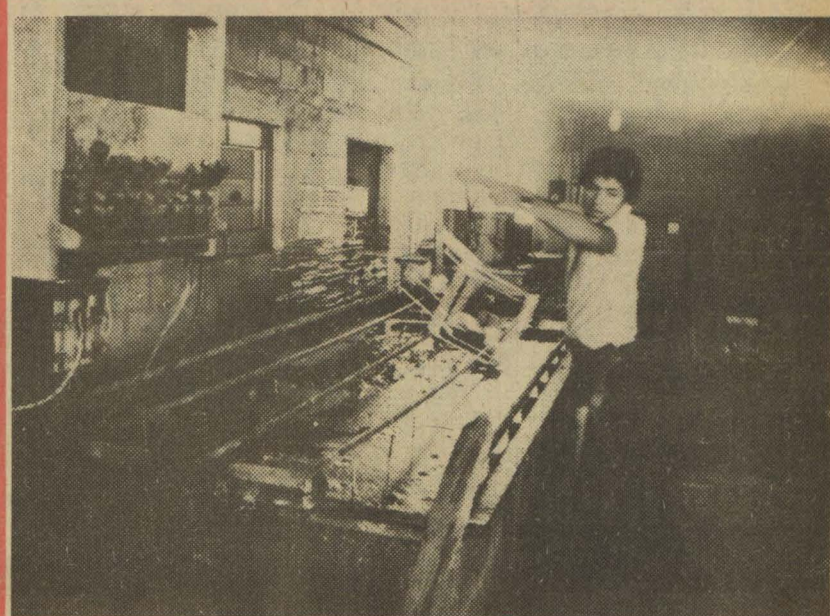
A combativa categoria dos plantadores de cana está em campanha salarial e pode parar usinas e canaviais. Página 6

Osasco aprova a devolução do Imposto Sindical

O Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, em experiência inédita, aprova o fim do Imposto Sindical para os sócios. Pág. 6

Delegado de Batalha tortura comunistas

No interior do Piauí, o tenente Domingos prendeu e espancou militantes do PC do B. Foi acobertado pelo prefeito e pelo juiz de Direito. O povo, revoltado, manifestou-se na porta da delegacia apoiando os presos. Pág. 4



Trabalho sem nenhuma proteção na cromeação da Aramearte.

Gases venenosos atacam operários nas fábricas

Exames médicos constataram lesões graves de saúde em vários operários da Croni e Aramearte, de Osasco. A secretaria do Trabalho poderá interditá-las. Pág. 10

CDM

Justiça pede prisão perpétua para os generais argentinos

Roubo, assassinato, tortura, são as acusações. P.2

Fundação Monte Castelo

Generais respondem pelos crimes contra a Argentina

Terminou na semana passada a fase acusatória no julgamento dos nove integrantes das três Juntas Militares que, entre 1976 e 1983, impuseram o regime militar na Argentina. Pela primeira vez na história da América Latina generais que ocuparam o poder após golpes de Estado foram ao banco dos réus, acusados pelos crimes que cometeram no governo.

Os generais Jorge Videla, Roberto Viola e Leopoldo Galtieri; os almirantes Emilio Massera, Armando Lambruschini e Jorge Anaya; os brigadeiros Orlando Agosti, Omar Graffina e Basílio Lami Doze estão sendo acusados na Câmara Federal de Apelações por homicídios, detenção ilegal de suspeitos de se oporem à ditadura, tortura, roubo, invasão de domicílios e falsificação de documentos. Contra eles, de 22 de abril a 15 de agosto deste ano, prestaram depoimentos 845 testemunhas, em 78 esgotadoras sessões de tribunal.

Durante o período do regime militar, cerca de 30 mil opositores políticos foram assassinados ou “desapareceram” na Argentina. Crianças foram seqüestradas, muitas assassinadas, outras jamais retornaram a seus lares. Destes crimes, mais de 9 mil foram documentados por uma comissão especialmente formada pelo governo de Raul Afonsin, e apresentados num relatório denominado “Nunca Mais”. Do conjunto documentado foram selecionados mais de 600 para serem levados à

Corte de Apelações, como amostragem da ação dos réus no poder.

Após os quase quatro meses de depoimentos, o promotor Júlio Strassera deu início à acusação contra os chefes da ditadura, dia 11 de setembro. Levou mais de uma semana para concluir o rol dos crimes dos generais, almirantes e brigadeiros.

CAPUZ E ESPETO ELÉTRICO

Após abordar a luta oposicionista ocorrida na Argentina no período que antecedeu ao golpe, Strassera afirmou que “foi reprimida por outro grupo subversivo, formado pelos acusados, que antes haviam derrubado um governo constitucional, delito que também é passível de punição e está sendo apurado em outro processo. Para o promotor “os delitos estão provados e a responsabilidade é de todos os integrantes das Juntas. Serão pedidas as penas máximas previstas no Código Militar”. Ele foi enfático, afirmando que se o regime militar tivesse que

OPINIÃO

Exemplo argentino

A América Latina olha com esperanças para a Argentina, ao ver serem levados a julgamento os militares criminosos que atacaram a democracia e o povo daquele país. As ditaduras militares castigaram todo o continente. Ainda estão presentes no Chile e no Paraguai, cometendo assassinatos e atentados semelhantes aos da Argentina, mesmo nos dias de hoje, para citar apenas exemplos do Cone Sul.

Apoiados pelo imperialismo norte-americano, defendendo interesses das multinacionais, dos monopólios econômicos, das oligarquias, os gene-

rais empalmaram o poder nos vários países latino-americanos. Cometaram atrocidades contra opositores políticos e também contra gente simples do povo, contra idosos, contra crianças. Pela primeira vez, alguns dos mandantes dessas barbaridades sentam no banco dos réus.

Para os brasileiros isso tem especial significado. Também aqui um general, Newton Cruz, dentre os muitos que investiram contra os interesses da pátria, está para ir a julgamento por alguns de seus crimes. É alvissareiro. Prenúncio de novos tempos.

“escolher para si um brasão de armas, seus símbolos seriam um capuz e um espeto elétrico”!

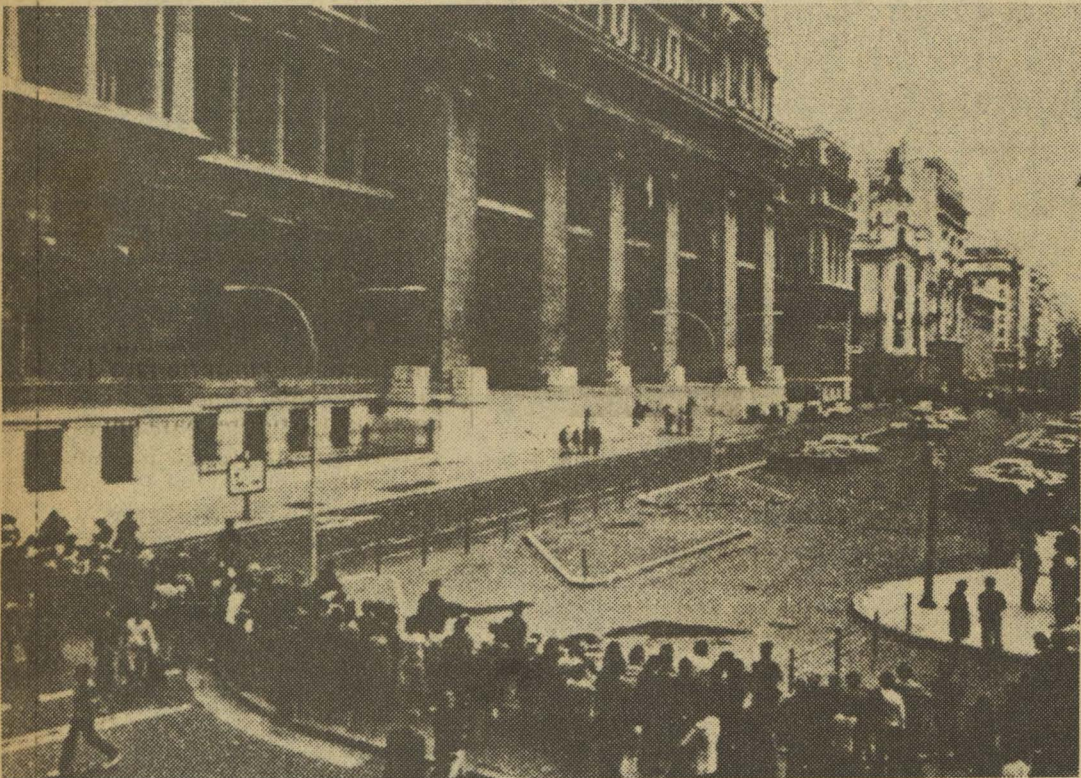
Contrastando com a gravidade das acusações de que são alvo, os ditadores não abandonaram sua postura arrogante. Talvez confiantes de que seus companheiros de farda e crimes - vários ainda em postos de mando no país - os venha socorrer; quem sabe escorados no

espírito de corpo das Forças Armadas que comandaram e integraram, os criminosos riram, folhearam livros, tomadas de tevê enquanto o promotor falava. Os generais Videla e Galtieri chegaram mesmo a desafiar a Corte, não comparecendo às sessões com seus fardamentos de gala, como determina a lei argentina. O general Videla chegou a distribuir nota afirmando que o processo era “absolutamente nulo”!

JULGAMENTO

Os trabalhos de acusação e defesa dos militares se prolongam, podem avançar pelo mês de novembro. Mas além da Corte de Apelações, também a população argentina está julgando seus opressores. E já os condenou. Pouco antes do início do trabalho da promotoria, manifestação com 80 mil populares exigia a condenação dos criminosos.

Querendo cortar o mal pela raiz, operários, trabalhadores, democratas afirmam que não basta julgar os mandantes, mas todos os envolvidos com os crimes da ditadura. Como declarou Angélica Vencentini, mãe de uma estudante assassinada pelos generais, “há mais de mil pessoas, no mínimo, que colaboraram com a repressão”.



Fila diante da Corte de Apelações para assistir o julgamento dos maiores criminosos do país

As mulheres são vítimas da violência na América Central

A discussão sobre o conceito de feminismo não foi destaque na Conferência da Mulher em Nairobi. Mas os relatos de experiências propiciaram uma visão sobre como as mulheres de diversos países lutam.

Segundo as representantes da Nicarágua, por exemplo, “o feminismo não é uma questão de luta individual ou sexual, mas uma luta pela vida”. Elas justificam esta posição argumentando que “o imperialismo explora a mão-de-obra feminina para poder manter-se firme, e que na Nicarágua a luta das mulheres é contra a repressão externa, a morte, a fome e a exploração sexual”.



Guatemaltecos refugiados: a fuga de uma ditadura sanguinária

El Salvador, 60% delas mulheres e crianças, e que não têm profissões ou estudo. Mas as camponesas também enfrentam uma grande luta. Viúvas, que tiveram de adotar de 12 a 15 filhos de vizinhas mortas, enfrentam a fome e são pressionadas pelos contrarrevolucionários financiados pelos EUA e pela Igreja conservadora e abandonaram a revolução.

DRAMA

SALVADORENHO

A Comissão de Mães de El Salvador apresentou um relato dramático de seu país. Há um milhão de refugiados, 70% de mulheres, “completamente sem futuro. No campo, passam fome. Na cidade, são domésticas de graça e usadas sexualmente”, relatou a Comissão. Em El Salvador 50 mil pessoas foram assassinadas pelas forças militares governamentais, e há no mínimo 20 seqüestros por dia. Estes fatos têm levado as salvadorenhas a realizarem marchas diante da Embaixada dos Estados Unidos, exigindo o cessar da ajuda ao governo assassino.

ATROCIDADES NA GUATEMALA

Na Guatemala o Comitê da Unidade Camponesa está à frente do movimento de

mulheres. Neste país, que em 29 de maio de 1978 viu o regime assassinar centenas de mulheres grávidas ou com filhos nas costas, que viu o desaparecimento de 35 mil pessoas e a destruição de aldeias inteiras ao ponto de desaparecerem do mapa oficial, as mulheres dizem que gostariam de ouvir “o grito das mulheres do mundo em favor da vida”.

Uma das depoentes na Conferência, filha de um homem queimado vivo com mais de 39 pessoas na Embaixada da Espanha em 1980, denunciou que hoje há 1 milhão de pessoas marginalizadas no país (de 7,5 milhões de habitantes), e que na maioria são mulheres “nas montanhas, onde se escondem, estas mulheres vivem como animais sem casa, sem comida, arrastando-se pelo mato, mas continuam fortes e valentes.”

Para ela, a situação de seu país só será resolvida com novas estruturas, que deverão ser construídas pelas guatemaltecas, pois hoje a população conseguiu superar as barreiras da língua, das lutas específicas, e pretende acabar com o fato de a Guatemala ser o “laboratório de tortura dos Estados Unidos”.

- Aqui não há presos políticos; há mortos políticos, disse ela.

(Télia Negrão)



Cemitério clandestino de vítimas de repressão em Ayacucho, no Peru

Peru entrega militares assassinos à Justiça

O presidente do Peru, Alan Garcia, destituiu, no último dia 16, o chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, general Enrico Praeli, depois de comprovado o envolvimento de três oficiais do Exército no assassinato de sete camponeses no departamento andino de Ayacucho, onde o governo, sob o “estado de emergência”, trava há anos uma luta contra grupos guerrilheiros com um saldo de milhares de “desaparecidos”, segundo denúncias de órgãos de defesa dos direitos humanos.

Os sete camponeses encontrados em uma fossa comum em Pucayacu, em Ayacucho, há 10 dias, foram assassinados com tiros na cabeça e apresentavam evidentes sinais de tor-

tura. Segundo denúncias de parentes, eles haviam sido detidos dias antes (no início de agosto) por soldados do Exército. A nota oficial do governo, divulgada no dia da exoneração do general Enrico Praeli, afirma que é evidente “a responsabilidade concreta de três oficiais do Exército e um motorista e, por isso, eles foram colocados à disposição da Justiça”.

Segue ainda sem esclarecimentos a denúncia apresentada no último dia 11, no Congresso, de um massacre de 69 camponeses de Acomarca, também no departamento de Ayacucho. Eles teriam sido assassinados por cerca de 30 homens “fardados” no dia 24 de agosto, segundo depoimentos de dois sobreviventes.

Provocações de Honduras contra os sandinistas

O governo nicaraguense denunciou no último dia 14 mais uma provocação de Washington para “desencadear uma guerra entre Honduras e Nicarágua, com o objetivo de destruir a revolução sandinista”. Segundo o Ministério de Relações Exteriores da Nicarágua, dois de seus helicópteros de transporte foram derrubados por caças hondurenhos que davam cobertura a 800 contra-revolucionários da somozista FDN, que tentavam invadir território nicaraguense, partindo de suas bases na vizinha Honduras.

O governo de Honduras, fiel à estratégia de Reagan de promover provocações na área, afirma que foram as tropas nicaraguenses que atacaram um povoado fronteiriço, provocando a morte de dois soldados hondurenhos e ferimentos em outros oito. Para configurar a crise, depois que o governo do presidente Suazo Córdova denunciou a “agressão” nicaraguense, as rádios hondurenhas passaram a fazer apelos (nos dias 13 e 14) à união nacional e à defesa da

soberania do país”, ao som de marchas militares.

O governo nicaraguense, em comunicado oficial, exortou o presidente e o Alto Comando hondurenhos a “não se comprometerem com uma belicosa escalada, nem acalentaram ilusões de que poderão liquidar a Nicarágua com o auxílio de tropas ianques”, pois “incendiar a Nicarágua é atear fogo à América Central, América Latina e até os EUA”.

Enquanto isso, na Corte Internacional de Justiça de Haia, continuam as audiências do processo em que a Nicarágua denuncia os EUA de “terrorismo de Estado” contra o povo nicaraguense. Em um dos depoimentos, David MacMichel, ex-funcionário da CIA, declarou ter elaborado o plano, aprovado pelo presidente Reagan, para criar um contingente de agentes provocadores que supostamente levariam os sandinistas a reagirem violentamente, configurando um pretexto para uma intervenção militar norte-americano na região.

Soldados de Thatcher atacam negros ingleses

Violentos choques entre negros e policiais no bairro pobre de Handsworth, em Birmingham, Grã-Bretanha nos últimos dias 9 e 10, provocaram a morte de três pessoas, inúmeros feridos e a prisão de centenas de manifestantes. Além de vários carros carbonizados e lojas destruídas. Segundo os manifestantes, os protestos - que se alastraram também a Liverpool - ocorreram devido à “violência e arbitrariedade da polícia”, que persegue os negros pobres e desempregados, a maioria procendente do Caribe.

Embora a primeira ministra conservadora, Margareth Thatcher, negue que o alto nível de desemprego seja responsável pela revolta dos negros, um dado é irrefutável: mais da metade da população negra de Handsworth está atualmente sem emprego. No país todo, os dados oficiais indicam que um de cada sete trabalhadores britânicos está desempregado.

Manobra dos bantustões fracassa na África do Sul

O governo sul-africano acena com mais uma “concessão” à maioria negra do país: restituir a cidadania sul-africana a milhões de negros que a perderam quando o governo racista decretou a “independência” das regiões de Transkei, Bophutatswana, Venda e Ciskei, enquanto os policiais continuam assassinando negros nas ruas e as prisões continuam abarrotadas.

A maioria negra, sem direito de voto no país - considerou a proposta “inaceitável” - pois diante do governo das “condições” no último

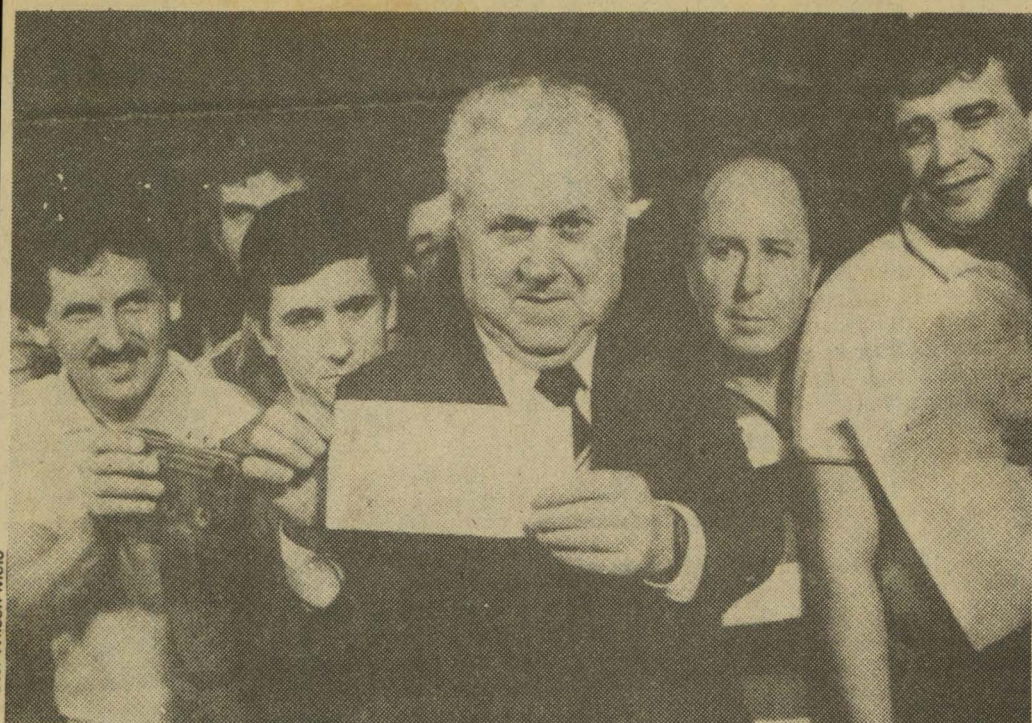
ano (quando pelo menos 700 negros foram mortos e milhares presos), só aceitam discutir o fim do apartheid, o regime racista.

Além de não possuírem o direito de voto, os negros são obrigados a carregar “passaportes”, onde consta a tribo e o bantustão (reserva ou território negro segregado) onde devem viver e se estão ou não autorizados a residir em um dos subúrbios negros da área branca, como é o caso de Soweto e da periferia do Cabo.

Mitterrand faz campanha pela guerra nuclear

O presidente “socialista” François Mitterrand, realizou, no último dia 12, uma viagem à ilha de Mururoa, na Polinésia, onde a França está realizando seus testes nucleares e onde também foi afundado o navio Rainbow Warrior, dos ecologistas do Greenpeace, em um episódio envolvendo os serviços secretos franceses. Segundo o jornal Le Monde, a França passou da posição de defesa à ofensiva, por sua responsabilidade no afundamento do navio do Greenpeace. Depois do incidente, Mitterrand teve que abandonar sua diplomacia para “convencer” os países da região sobre os bons propósitos de seus testes nucleares.

No dia 15, já em Paris, Mitterrand convidou os chefes de Estado dos 14 países da região para visitarem Mururoa e comprovarem que “os testes lá realizados” - entre 60 e 100, a maioria subterrâneos - “são absolutamente inofensivos”. Em resposta ao convite, o primeiro ministro australiano Bob Hawke, o primeiro ministro francês Jacques Chirac e o primeiro ministro espanhol Felipe González, entre outros, se comprometeram a realizar esses testes nucleares na própria França, para demonstrar sua propalada inocuidade.



Do primeiro (foto) ao último voto, uma vitória na proporção esmagadora de 17 para 1

Povo venceu de goleada no plebiscito de Santo Amaro

O plebiscito sobre a "autonomia" de Santo Amaro, dia 15 resultou numa esmagadora derrota dos que queriam dividir o município e o povo de São Paulo. Dos 513 mil eleitores aptos a votar, 82% nem compareceram às urnas. Dos 85 mil que votaram, 93% rejeitaram a separação. A "autonomia" teve apenas 5 mil votos - menos de 1% do eleitorado de Santo Amaro.

Foi uma vitória da consciência e do senso político da população proletária e marginalizada da Zona Sul paulistana. Ela não se deixou levar pelas fantasiosas vantagens alardeadas pelos "autonomistas", como os deputados Paulo Sogayar (PMDB) e Paulo Diniz (PT), que na realidade perseguiram objetivos pessoais. Donos de antigas tradições de luta, nas fábricas, nos bairros, nos movimentos de desempregados, o povo da região soube distinguir por trás das aparências seus reais interesses.

Para enfrentar a ofensiva dos "autonomistas" formou-se uma frente considerável, abrangendo sobretudo setores sem partido. As legendas partidárias, via de regra, se confundiram e se dividiram diante da questão. Apenas o Partido Comunista do Brasil tomou desde o princípio uma posição unificada contra a separação, assumindo praticamente a direção da campanha, através do deputado federal Aurélio Peres, operário da região. Para Aurélio, o plebis-

cito "teve o mérito de mostrar claramente a fisionomia dos distintos agrupamentos partidários. O PCB, por exemplo, posicionou-se na região, a favor da autonomia, mas não conseguiu agir unificado. O próprio líder do partido revisionista na Câmara Federal, deputado Alberto Goldman, era contra a emancipação. E todo o pessoal ligado à Prefeitura também foi contra, não porque defendesse os interesses do povo, mas em nome dos seus interesses particulares".

No dia da votação, quando o repúdio à tese autonomista estava patente, o PCB não teve coragem de fazer campanha e escondeu sua posição.

O PT foi outro partido que se dividiu. "Havia militantes do PT fazendo boca de urna a favor da autonomia, no Jardim Imbá, e outros contra, no Jardim Angela - dois bairros que ficam a um quilômetro um do outro", recorda Aurélio.

O deputado operário considera que o posicionamento do PC do B, "em favor da população",

deveu-se às raízes dos comunistas no movimento popular da região. E julga natural que o partido colha os frutos dessa coerência, realizando várias filiações.

Em contraste, relata Aurélio, "os autonomistas não tiveram nem pessoal para colocar na boca das urnas - o que, de resto, não adiantaria muito, visto que os vieram votar já tinham posição assumida, em geral contra. Por isto os autonomistas tiveram que contratar gente para trabalhar no dia da eleição. E apareceu para as massas a verdadeira natureza dos partidos que aí estão. Ficou claro que há os que defendem unicamente as posições do povo, enquanto outros têm também lugar para os personalistas, que agem em nome de interesses menores e mesquinhos".

Aurélio Peres considera, analisando os resultados do plebiscito, que "o povo de Santo Amaro mostrou que é contra - tanto pelos que não compareceram, deixando evidente a indiferença diante da tese autonomista, como pelos que compareceram para manifestarem massivamente que são contra. Aqui não havia dúvidas: ou se ficava a favor do povo, contra a autonomia, ou se fazia a defesa de interesses menores".

Vereador de Caxias do Sul filia-se ao PC do Brasil

Com o plenário da Câmara Municipal de Caxias do Sul completamente tomado por populares, lideranças sindicais e estudantes, o vereador Edio Elói Frizzo anunciou no último dia 12 seu desligamento do PMDB e sua adesão formal ao Partido Comunista do Brasil. Com isto foi formada a primeira bancada do PC do B no Rio Grande do Sul após a legalidade. Também estiveram presentes no ato político os presidentes da Comissão Provisória Municipal, Antônio Posenato Filho, e da Comissão Provisória Regional, Edson da Silva.

TERCEIRO MAIS VOTADO

Em seu pronunciamento, o vereador Frizzo lembrou que "em 15 de novembro de 1982, resultado do trabalho abnegado de um grande número de companheiros, sob a

sigla do PMDB (símbolo de resistência democrática nos 21 anos de luta contra o regime militar) conquistamos com a terceira maior votação da cidade um espaço próprio neste Poder Legislativo".

Ao anunciar sua filiação ao PC do B, o vereador destacou que "embora eleitos sob a sigla do PMDB, nunca escondemos ou deixamos de defender na Câmara e fora dela as propostas políticas do PC do Brasil". Também enfatizou que "durante os 63 anos de existência, o PC do B, sofrendo duras perseguições, nunca se furtou a luta pela democracia, pelo progresso, pela justiça e pelo socialismo".

Ao finalizar, Frizzo informou que o Partido Comunista do Brasil já formou seu Diretório Municipal em Caxias do Sul e fez um chamamento

"aos operários, estudantes, donas de casa, a ingressarem nas fileiras do seu partido e colaborarem para seu crescimento e fortalecimento".

Já o presidente da Comissão Diretora Regional, Edson da Silva, em seu pronunciamento considerou que "a formação da bancada do PC do B na cidade representa um fato político importante para a vida democrática que recém começamos a viver decorrente da luta árdua do nosso povo". Destacou também que o vereador Elói Frizzo "com bravura que exerceu o mandato, com bravura renovada o exercerá agora, porque passa aqui a representar as idéias, o pensamento, a imagem daquele que se esforça e pretende ser o porta-voz dos interesses dos operários de Caxias do Sul e do país, o Partido Comunista do Brasil".

Na avaliação do presidente da Comissão Diretora Municipal de Caxias do Sul, Antônio Posenato, a adesão de Frizzo vem fortalecer o partido, "que agora mais do que nunca pretende intensificar sua atuação junto as fábricas, bairros, escolas, com uma ampla campanha de filiação". Após a solenidade, os presentes visitaram a sede do Partido e no local foram feitas várias filiações. A imprensa deu grande cobertura ao ato devido ao prestígio que o parlamentar tem no município. (da sucursal)



Elói Frizzo (de pé), prestigiado vereador gaúcho

Delegado tem prova de que Newton Cruz é assassino

"Está provado que Newton Cruz comandou a operação de seqüestro que precedeu a morte dos três", afirmou taxativo o delegado Ivan Vasques, encarregado do inquérito sobre o assassinato, em outubro de 1982, do jornalista Alexandre Baumgarten, sua mulher Janete Hansen e o barqueiro Manuel Valente Pires. O general foi indiciado no dia 17.

Na mesma trilha de morte de Baumgarten, está o assassinato de Heráclito de Souza Faffe, especialista em promover escuta clandestina de telefones para o jornalista, a serviço do SNI. Em setembro de 1982 Faffe foi vítima de um atentado fatal, com uma injeção venenosa. Alguns meses antes ele já havia sido seqüestrado e torturado, segundo informaram seus filhos, Marli e Sérgio. Tudo indica que os dois casos estão ligados.

As investigações policiais vão esclarecendo, como aliás a imprensa democrática já afirmava há tempos, que o SNI tinha uma vastíssima rede de agiotagem, de pressões, de falsificações e de assassinatos, atuando nos bastidores do regime militar.

As evidências do crime são tantas que já não se fala em "revanchismo"

Tão contundentes são os argumentos contra Newton Cruz e seus colegas que já não se ouve mais a gritaria contra o revanchismo. E além do mais, vai ficando claro que na situação política criada com a Nova República, não é fácil aos carascos do povo usar a seu bel-prazer a máquina governamental para acobertar sua estrepolias. Mesmo tendo um grande número de "amigos" ainda em postos-chaves - principalmente nos meios militares - é mais difícil impedir as denúncias e esconder as provas.

De qualquer modo, a quadrilha - este é o nome, queira-se ou não - está agitada e disposta a novos desatinos. No último dia 5 o inspetor Paulo Marano, chefe das investigações externas do inquérito, foi atropelado por um automóvel em alta velocidade no subúrbio da Penha, no Rio de Janeiro, saindo ferido do atentado. Antes o inspetor já havia recebido ameaças por telefone.

O bailarino Cláudio Polila, cujo testemunho se tornou peça-chave na incriminação do general Newton Cruz, também vem sofrendo intimidações. No último dia 16 foi seguido durante toda a manhã por um carro com placa de Salvador, AA 5410, que, como ficou apurado, é "fria". Pela noite, sofrendo um problema estomacal, internou-se no Hospital Central da Aeronáutica. Lá foi dopado e, estranhamente, acordou no dia seguinte na Casa de Repouso Corcovado, uma clínica psiquiátrica. A polícia está investigando se o que houve com Polila no hospital não teria sido um seqüestro com cárcere privado.



Newton Cruz, o general que Figueiredo admira, poderá ir para o banco dos réus

cere privado.

O próprio delegado Vasques já requisitou três carabinas, uma que fica em sua residência, outra na casa de sua filha e outra no carro, para se proteger de possíveis ataques do bando. Ele já recebeu ameaças telefônicas - inclusive pelo telefone interno de seu local de trabalho -, e agora seus filhos e netos também sofrem pressões. Mesmo assim o delegado considera desnecessário pedir a prisão preventiva de Newton Cruz.

O delegado Vasques e sua família estão na mira dos assassinos

O general foi indiciado por "homicídio doloso". Vasques afirma: "eu provo a autoria e digo, por dedução, que o homicídio foi cometido com a agravante de impedir a reação da vítima". Agora cabe ao promotor Murilo Bernardes, designado para este caso, oferecer denúncia à Justiça. Sendo aceita a denúncia, Newton Cruz será julgado por um tribunal popular.

Mas é claro que nem tudo está esclarecido. Inclusive sente-se a ausência do nome do general Otávio Medeiros no processo. O general Medeiros, atualmente em posto de comando militar, era chefe de Newton Cruz à época do crime. Ele

OPINIÃO

Barrar a ação dos criminosos para sempre

O indiciamento do general Newton Cruz em assassinato e os inquéritos contra Abi-Ackel reforçam a necessidade de se proceder a uma rigorosa apuração dos crimes cometidos sob a capa da ditadura militar em 21 anos. O próprio fato de se notar uma frenética atividade nos bastidores para impedir a apuração a fundo do caso Baumgarten (o general Medeiros estava ou não envolvido?) e das trapações do ex-ministro da Justiça mostra a urgência de desvendar toda a trama e punir os criminosos. É claro que, ao tempo em que os escândalos vão estourando, o povo vai também fazendo o seu julgamento do regime militar, nas ruas, a exemplo do que acontece na Argentina. E vai sentindo a necessidade de barrar a ação dessa malta de bandidos para sempre.

chegou a ser chamado para depor, e estranhamente acabou não sendo interrogado pelo delegado. Agora, como num passe de mágica, seu nome foi "esquecido" no processo. Como as coisas estão em andamento, pode ainda existir novidades a respeito.

Mais escândalos envolvem Abi-Ackel

Continuam multiplicando-se os inquéritos policiais contra o ex-ministro da Justiça, Ibrahim Abi-Ackel. Um dos principais cabos eleitorais da campanha do ex-governador trombadinha, Paulo Maluf, à Presidência da República, Ackel está sendo acusado de envolvimento com contrabando de pedras preciosas, favorecimento do tráfico de drogas, concessão de vistos de permanência no país e de naturalização de estrangeiros irregulares. Uma negociata com um prédio em São Paulo, acobertamento de empresas que desrespeitavam as leis trabalhistas. Nada indica que a lista de crimes do ex-ministro termine por aqui, portanto novos inquéritos podem surgir.

O caso do tráfico de pedras preciosas já é por demais conhecido. A acusação está sendo investigada inclusive num tribunal dos Estados Unidos. Também a proteção à empresa de ônibus Cristo Rei, de Ouro Preto, que não cumpria a legislação trabalhista e recebeu proteção do ministro de Figueiredo, já foi relatada em edições anteriores da T.O.

Agora a Nova República investiga também a participação de Abi-Ackel na expedição de documentos irregulares - como vistos de permanência e naturalização de estrangei-



Abi-Ackel, no Ministério da Justiça, protegia contrabandistas e mafiosos

ros - para proteger contrabandistas que atuavam em vários países e aqui encontram a boa acolhida do ministro - em troca de polpudas gratificações, é claro.

O colega de campanha de Maluf esteve também envolvido na expulsão do nosso país de dois mafiosos que cumpriam pena: Rabem Raveira e seu irmão Nelson. Ackel expulsou os dois - estavam envolvidos no tráfico de cocaína - para evitar que eles depusessem no caso da quadrilha de Tomaz Buzette. A Comissão

estava longe, portanto, de "punir" os criminosos. Visava, antes, proteger chefes de quadrilhas.

Outro inquérito foi aberto para investigar a participação do ex-ministro na negociata que envolveu a compra de um prédio da Procuradoria Regional do Trabalho em São Paulo, situado na rua Aurora. A compra envolve transações com a empresa Elite de Consultoria e Planejamento e com o ex-ministro, Paulo Américo.

‘TO’ especial sobre eleição em S. Paulo

A *Tribuna Especial* acaba de lançar, com data do dia 18, uma edição especial dedicada à eleição municipal em São Paulo. Com circulação restrita à capital, o número extra do jornal retrata o significado da disputa que se polariza cada vez mais entre Jânio Quadros e Fernando Henrique Cardoso, tanto do ponto de vista municipal como nacional.

“O Brasil de olho em São Paulo” é o título da página 2, mostrando o peso-chave do maior município do país, tanto do ponto de vista da classe operária e do povo como das multinacionais, da grande burguesia e do latifúndio. O jornal resume as realizações da Nova República, e também as mudanças que ela ainda está devendo, e mostra como se enquadram as eleições municipais dentro deste panorama político.

A *Tribuna Operária* publica numerosas declarações de lideranças sindicais, estudantis e de bairro, artistas e também simples operários, que expõem as razões de seu apoio a Fernando Henrique Cardoso, como candidato da unidade para empurrar de fato a cidade e o país no sentido das mudanças. Uma boa parte da edição é dedicada, também, à análise do “fenômeno Jânio Quadros” e seu verdadeiro conteúdo político.

Além de espelhar o leque de alianças de Jânio, que inclui o ex-ministro Delfim Netto, o ex-governador Paulo Maluf e o general Golbery do Couto e Silva, o jornal passa em revista a polêmica carreira de Jânio Quadros, numa série de artigos dos quais publicamos aqui um resumo:

Jânio não tem jeito

Segundo seus contemporâneos no curso primário do Ginásio Paranaense, em Curitiba, o menino Jânio Quadros, na hora da merenda, caçava moscas para atirá-las na própria boca e cuspi-las em seguida, só pelo gosto de impressionar os colegas.

Jânio usa esse estilo premeditadamente. Caça votos com ele, principalmente nas parcelas menos politizadas. Mas o estilo é apenas a aparência, a embalagem. Qual é o conteúdo do produto Jânio Quadros?

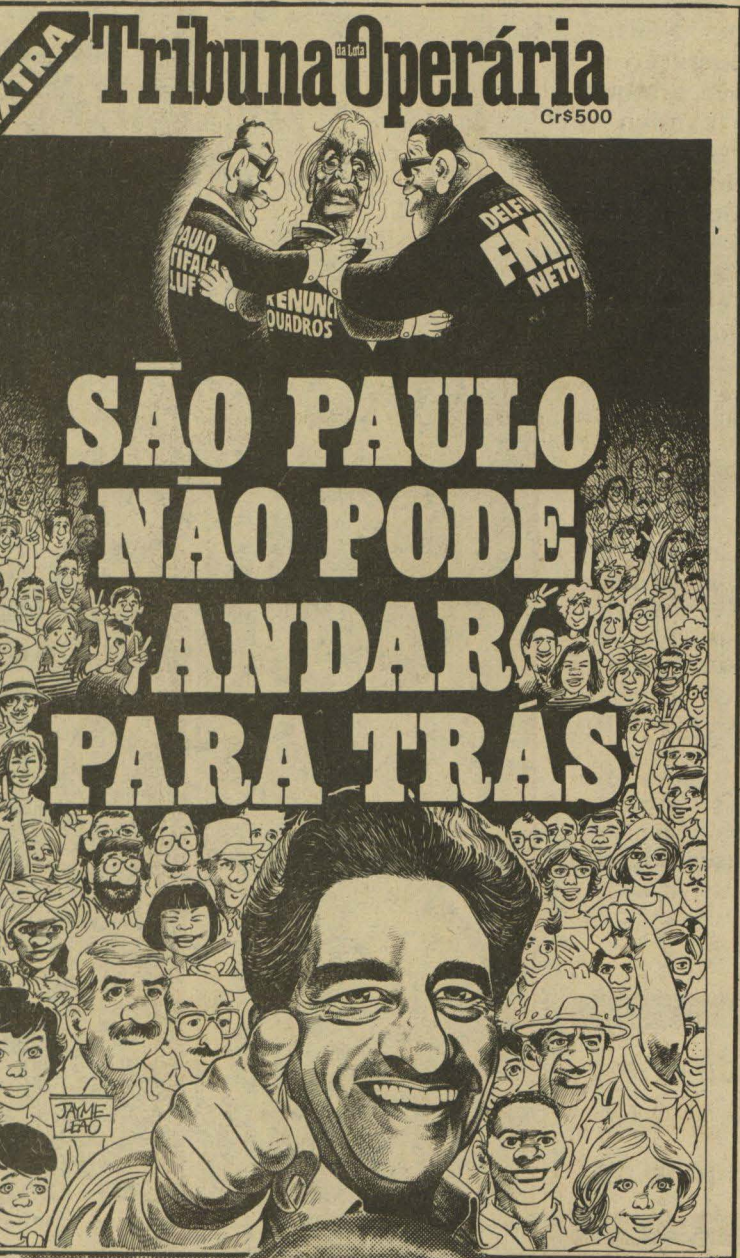
Jânio Quadros iniciou-se na política como candidato a vereador de São Paulo. Teve apenas 1.704 votos e não se elegeu. Mas no ano seguinte, com a cassação da numerosa bancada do Partido Comunista do Brasil na Câmara Municipal paulistana, Jânio assumiu como suplente.

Em seguida ele foi prefeito, governador, presidente da República; renunciou, saiu de cena, voltou a ela; agora, quer ser prefeito outra vez.

Quando Jânio Quadros renunciou, a 25 de agosto de 1961, 60% da atual população do Brasil não eram nascidos. No entanto o episódio, mesmo envolto até hoje numa nuvem de mistério, é daqueles que não se esquece.

Na eleição de 1960, uns 5,6 milhões de eleitores (48% do total) acreditaram em Jânio. Um de seus ministros, Brígido Tinoco, afirmaria numa comissão do Senado, em 1977, que a CIA auxiliou a candidatura janista.

Para ministro da Fazenda Jânio chamou o banqueiro e industrial Clemente Maria-



Fac-símile da edição extra, e o candidato das 5 renúncias

no, adepto do monetarismo (a linha-FMI). E logo em março baixou a tristemente célebre *Instrução 204* da Sumoc (o Banco Central da época). Num relance, o dólar subiu de Cr\$ 90 para Cr\$ 200, numa supermaxidesvalorização do cruzeiro. Muito aplaudida pelo capital estrangeiro, a medida foi a primeira capitulação em toda a linha do Brasil perante o FMI.

Nos postos militares, dominava o grupo da “Cruzada Democrática” e da ESG - que mais tarde faria o golpe: o general-gorila Odílio Denis, no Exército; o anticomunista fanático Sílvio Hek, na Marinha etc.

Na Presidência, Jânio entrou em choque com o Congresso Nacional, onde era minoria. E, planejou a renúncia como forma de preparar um retorno triunfante, por cima do cadáver do Legislativo e com o apoio dos quartéis. Só que o plano fracassou. Abriu-se é certo, uma crise. No fundo, a trama do golpe de 1964 começou a partir dali. Mas quando os generais assumiram diretamente o poder, Jânio já era carta fora do baralho.

Vista até hoje pelo povo como uma covardia, a

renúncia de 1961 não foi a primeira nem a última de Jânio. Em janeiro de 1954 ele desistiu de disputar o governo paulista. Em novembro de 59 abandonou a candidatura presidencial. Em julho de 82 e novembro de 83 renunciou a filiação no PTB. Apenas, destas vezes, foi possível voltar atrás.

Logo após o golpe de 1964, Jânio Quadros publicou um documento apoiando a entrega da Presidência ao general Castello Branco. Isto não impediu que o general Costa e Silva exigisse e conseguisse a cassação do ex-presidente mas, passado o período Costa e Silva, Jânio voltava a desmanchar-se em elogios aos militares no poder.

Do general Garrastazu Médici ele disse que é “um oficial da maior distinção, com notas brilhantes...”. Sobre o general Ernesto Geisel, referiu-se a “esta figura limpa e pura, um homem bom, decente, que qualquer um receberia em sua casa”. E sobre o general Figueiredo: “Somos admiradores do presidente, que nos parece um Hércules a sustentar sobre os ombros toda essa estrutura da Neodemocracia que ele promoveu”.

Novidades na propaganda pré-eleitoral

Desde sábado, dia 14, a população dos municípios onde haverá eleições em novembro assiste aos horários de propaganda eleitoral no rádio e na televisão. Pela primeira vez desde 1974 deixou de vigorar a famigerada Lei Falcão, que só permitia mostrar o retrato, o nome e o currículo de cada candidato, sem divulgação de idéias e programas. Desta vez, partidos e candidatos podem dispor livremente de seu tempo, sem censura.

No entanto, a legislação e a justiça eleitorais ainda não conseguiram resolver democraticamente o problema da repartição dos horários entre os diversos partidos. A fórmula utilizada, baseada na proporção de representantes parlamentares de cada partido, termina por privilegiar os chamados grandes partidos. No Rio de Janeiro, por exemplo, onde nada menos que 18 candidatos concorrem à Prefeitura, alguns deles ficaram com apenas 1 minuto e 30 segundos por dia para veicular seus programas! E o problema se agrava porque, por conveniência das todopoderosas estações de televisão, o horário de propaganda gratuita teve que ficar dividido - 30 minutos à tarde e outros 30 no horário nobre.

RIO À MODA ANTIGA

No Rio de Janeiro, o juiz Roberto Wider, indicado pelo TRE para tratar da legislação eleitoral, recorreu à lei 6.091, de 1974, para estabelecer verdadeira ditadura na campanha. As pichações estão proibidas em qualquer lugar, inclusive em casas e com o consentimento dos proprietários. Cartazes só podem ser afixados em murais construídos pela Prefeitura; as faixas e galhardetes, só nas sedes dos comitês eleitorais. Os panfletos não podem ultrapassar 20 centímetros por 40 e ser distribuídos das 8 às 22 horas - impedindo, por exemplo, as panfletagens na entrada das fábricas. O artigo 8º diz que “os veículos de propaganda móvel, sonora ou visual, não podem parar de circular”; e o 15º que “o locutor (com megafone) não poderá ficar parado, nem promover reuniões de pessoas”...

Esta interpretação da lei, coibindo toda a participação espontânea do povo na campanha, vem sendo aplicada com rigor com base no dispositivo legal que confere poder de polícia ao juiz eleitoral. E tem merecido repúdio geral, exceto do candidato brizolista, Saturnino Braga, para quem “mesmo sendo uma lei do regime militar, é lei e deve ser cumprida”.

Juventude de Goiânia expõe sua proposta

Cerca de 400 jovens participaram no Encontro da Juventude Goianense, promovido dia 15 pela União da Juventude Socialista, Comando Jovem e PMDB - PCB - PC do B. Daniel Antônio comprometeu-se com as propostas, citando especificamente pontos levantados pela UJS como apoio ao esporte amador, à cultura e às micro-empresas. afirmou ainda que reconhecerá e dará apoio ao Conselho Municipal da Juventude - projeto de lei de autoria do vereador Adalberto Monteiro, coordenador da UJS, que está em tramitação.

Na opinião de Adalberto, o encontro criou plenas condições para a UJS se lançar com mais vigor na campanha do candidato que melhor representa hoje, em Goiânia, a unidade das forças sociais e políticas capazes de garantir as mudanças prometidas pela Nova República. Daniel Antônio prometeu colocar os direitos da juventude como prioridade de sua gestão na Prefeitura de Goiânia (da sucursal)



O ato público de protesto marcou a pequena cidade no sertão do Piauí

Batalha repudia a prisão de comunistas

O delegado de polícia Domingos Pessoa Cabral, que efetuou as prisões na madrugada do dia 13, estava acompanhado de diversos soldados embriagados e à paisana. Fez ameaças de morte, chegou a agredir com pontapés, murros e coronhadas duas das vítimas (Gonçalo Carvalho Filho e Fernando Luís Vieira de Castro) e deixou-os incomunicáveis. E enquanto mandava bater, dizia agir assim por ordem do prefeito da cidade, Machado Melo.

Já o juiz adjunto de Batalha, Wilson Fonseca da Silva, juntamente com o delegado, cassou de forma ilegal as credenciais do advogado Francisco de Assis, que encaminhou um pedido de fiança. Não recebeu o pedido, não aceitou falar com o advogado nem mostrar-lhe os laudos do inquérito.

A CIDADE SE REVOLTA

Quando a notícia correu, centenas de pessoas começaram a comparecer à delegacia - a ponto do delegado solicitar reforço policial na cidade vizinha de Esperantina e armar a tropa com fuzis. O povo se solidarizava com os presos políticos e pedia para vê-los. Bilhetes eram enviados dentro do pão: “A luta continua; advogados estão chegando; aguardem resultados positivos - um abraço - amigos”.

Dezenas de entidades enviaram telegramas de protesto ao prefeito, ao juiz e ao delegado, entre elas o DCE, a Associação de Moradores de Itararé, a UJS, o Centro Popular da Mulher, o Movimento Cultural do Piauí. Também se manifestaram o senador Alberto Silva, os deputa-

dos Marcelo Castro, Paulo Silva, Paulo Santos Rocha, Deoclécio Dantas e Wall Ferraz, este, candidato a prefeito de Teresina pelo PMDB. O deputado Haroldo Lima, líder do PC do B na Câmara Federal, telegrafou ao governador Napoleão Duarte solicitando providências. O incidente chegou a ser denunciado pela televisão, no programa eleitoral do PMDB em Teresina.

MORAL ELEVADO

Dentro da cadeia, os prisioneiros também mantinham o moral elevado. Durante os dois dias em que estiveram detidos, chegaram até a organizar para os outros presos um curso sobre a história e o programa do PC do B.

Sob forte pressão, e com interferência do advogado Helbert Maciel - da Comissão do PC do B no Piauí - o juiz decidiu-se a libertar os jovens, dizendo que cumpria as leis, depois de tê-las desrespeitado. Mesmo sendo tarde da noite, muita gente veio se solidarizar com os comunistas.

No dia seguinte, pela manhã, ocorreu o ato público de protesto, convocado inclusive pelo padre Ladislau, durante a missa dominical. Os manifestantes ouviram os quatro rapazes e outros oradores, expressando seu repúdio à ação antidemocrática orquestrada pelo prefeito. Um abaixo assinado, endereçado ao ministro da Justiça e ao procurador da República, está circulando entre os moradores de Batalha. (da sucursal)

Sede e vereador para o PC do B

São José dos Campos, 300 mil habitantes, importante centro metalúrgico do Vale do Paraíba, São Paulo, inaugurou sábado dia 14 sua sede do Partido Comunista do Brasil. Na mesma ocasião, foi anunciada a Comissão Municipal do partido, que inclui oito membros, na maioria operários e moradores da periferia. O vereador João Bosco, que exerce seu segundo mandato, desligou-se na véspera do PMDB para assumir a legenda dos comunistas, compondo também a Comissão Municipal.

Entre os mais de 200 presentes no ato do PC do B, estavam o vice-prefeito da cidade, Hélio Augusto (representando o prefeito Robson Marinho), o secretário de governo Carlos Sebbe, o presidente do PMDB local, Ary Russo, o deputado federal Aurélio Peres, o dirigente regional comunista Antônio Barbosa, o líder da bancada do PMDB na Câmara e outros cinco vereadores, além de dirigentes de sindicatos e associações de bairro.

Ao fim do ato político, realizado na Câmara Municipal, todos se dirigiram para a nova sede do partido, onde houve o descerramento de duas placas e uma comemoração regada a chope.

Outra cidade paulista onde o PC do B inaugurou sede é Mogi das Cruzes, 200 mil habitantes, na Grande São Paulo. Compareceram mais de cem pessoas, destacando-se os vereadores Romildo Campelo e Vito Lerari (PMDB), representantes do PDT, PSB e PT e diretores do Sindicato dos Químicos.

Festa reúne 500 em Salvador

Cerca de 500 pessoas estiveram domingo dia 15, às 18 horas, na inauguração da sede do PC do B na 3ª Zona da capital baiana - onde funcionará também um comitê da campanha do candidato Mário Kertész à Prefeitura.

Mário Kertész e seu vice, Marcelo Duarte, estiveram presentes na festa. Participaram ainda o presidente regional do PC do B, Olival Freire, o representante do Comitê Central, Pericles de Souza, líderes de diversas associações de bairro da

área, como Pero Vaz, Santa Mônica, Avenida Peixe e Marques de Souza; diretores de blocos e grupos como o Barrabas, União, Estudantes, Ilê Avê; e artistas populares como Osvaldo Bailado.

Durante a festa se filiaram ao PC do B mais 75 novos militantes, na maioria moradores da Liberdade. Em nome da comissão local do partido, Nilton Vasconcelos destacou a importância da filiação para os moradores do bairro mais populoso da cidade (da sucursal)

Foto: Luís Gonzaga

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

A greve é uma escola de luta

Lênin indicava que as greves constituem "escolas de revolução". O movimento pare-dista dos bancários na semana passada confirmou esta idéia. De um lado os banqueiros multimilionários, arrogantes, julgando-se senhores do país e até do mundo. De outro os trabalhadores bancários reivindicando simplesmente que seus salários sejam reajustados de acordo com a inflação, e uma reposição pelo que o arrocho lhes roubou.

FALSOS CAMINHOS

No início da greve, os patrões diziam matreiramente: "É claro que é um direito, mas que só deve ser usado em último caso". E logo a seguir: "ainda não se esgotaram todas as possibilidades de negociação". A farsa dura pouco. Quando os bancários mostraram boa vontade, aceitando propostas intermediárias feitas pelos Tribunais Regionais do Trabalho, os banqueiros negaram-se a aceitar. Ou seja queriam negociação, desde que não tivessem que ceder nada. E mais, diante da firmeza dos trabalhadores, berraram logo exigindo a intervenção policial.

Deflagrado o movimento, desmascaram-se os falsos amigos dos trabalhadores. Alguns se apressam a pedir "moderação" aos grevistas como se o lucro dos patrões fosse também "moderado", assim como o cassete da polícia. Outros falam em "bom senso", como se passar fome para enriquecer os magnatas dos bancos fosse uma coisa muito sensata. Todas as mercadorias sobem de preço. O lucro dos capitalistas sobe mais ainda. Uma única mercadoria é tabelada por seis meses, e quando tem reajuste, é com índice menor que o do custo de vida. Ou será que ainda se pretende obscurecer que o salário é o preço da mercadoria força de trabalho?

UNIR E LUTAR

Diante da falsidade da burguesia, e de seus apelos à truculência, diante da mobilização da grande imprensa e de todos os meios de comunicação de massas para confundir, intimidar e denegrir o movimento reivindicatório, fica evidente que o único caminho para os trabalhadores é o da luta. As negociações cumprem determinado papel em qualquer tipo de combate, mas não são o fator decisivo. Esta é a primeira grande lição que a greve dos bancários veio confirmar plenamente.

Entre os trabalhadores atuam diferentes tipos de organizações. Circulam opiniões diversas em suas fileiras. Mas independente destas opiniões, que separam católicos de protestantes e ateus, militantes do PMDB, do PT e do PC do B etc, existe um interesse comum contra a exploração patronal que os unifica. A greve só pode enfrentar a pressão dos capitalistas se os trabalhadores colocarem acima dos problemas menores a coesão da classe. Esta segunda grande lição foi igualmente comprovada pelo movimento grevista dos trabalhadores dos bancos.

O terceiro grande ensinamento é que para ter força, além de agirem unidos, os trabalhadores têm que contar com uma boa organização. Para as lutas reivindicatórias o Sindicato é o instrumento por excelência, que não pode ser partidário por esta ou aquela corrente, mas que deve fazer política de classe, dos trabalhadores contra os patrões.

NOVO SISTEMA SOCIAL

De um ponto de vista mais geral, que não diz respeito apenas às lutas econômicas, mas que vai até a emancipação econômica, política e social, não só dos bancários, mas dos operários e de todos os trabalhadores, estes conhecimentos adquiridos com a greve levam à necessidade de um partido de luta. Um partido do proletariado, pelo fim do capitalismo e pela construção do socialismo. Um partido da revolução.

(Rogério Lustosa)

Uma rede mundial de prostituição de menores

A ONU constatou a existência de 52 milhões de crianças exploradas no mundo. São sugadas por capitalistas e latifundiários ávidos de lucros poluídos. Submetidas a jornadas exaustivas de trabalho, em condições insalubres etc.

Agora o jornalista Mário Lorenzi acaba de publicar uma outra face da amarga vida dessas crianças: a prostituição. Pequenos de até três anos de idade explorados sexualmente!

"Crianças Mal-Amadas, Nova Minoria", o livro de Lorenzi, traz denúncias de arrepiar os cabelos. Baseado em documentação da ONU e publicações de vários autores sobre o assunto, põe a nu a odiosa situação a que estão condenadas as crianças. Dá conta da existência de uma rede internacional de exploração de crianças prostituídas.

Segundo a ONU, as principais rotas de comércio de crianças são da América Latina para a Europa e Oriente Médio; do Sudoeste Asiático para a Europa do Norte e o Oriente Médio; um mercado interno regional na Europa com meninas latino-americanas e europeias; de diversas regiões para a África Ocidental; e um mercado regional árabe. Órfãos são retirados dos campos de refugiados (há 10 milhões de refugiados recensados pela ONU) para alimentar esse mercado. "O tráfico, o comércio de crianças, existe em todo o mundo capitalista, das regiões ou zonas pobres aos países, regiões ou zonas com alto poder aquisitivo", afirma Lorenzi.

No caso dos pequenos refugiados, são levados para locais distantes, perdendo suas origens, suas famílias e nacionalidades. A partir de 5 anos, já estão sendo utilizados na pornografia, nas publicações obscenas, explorados por cafetões. "Essas crianças, ao chegarem aos 12/13 anos, são forçadas a se prostituir e não têm chances de voltar à vida normal. Os proxenetas as forçam a entrar em bordéis ou a atuar em espetáculos eróticos. Quando se tornam suspeitas de querer fugir à organização, de querer 'falar', ou se recusam, são assassinadas ou levadas ao suicídio pelos maus tratos e a brutalidade da vida que lhes é imposta. O regime destas 'casas de prostituição' conta poucos sobreviventes entre os adolescentes de 10 a 16 anos ali seqüestrados", registra o livro.

Na América Latina as prostitutas preferidas têm menos de 14 anos

Para se ter uma idéia da dimensão da coisa, um "armazém" de Bangkok, na Tailândia, recebia e vendia cerca de 20 mil crianças ao ano em 1980. A "SOS Crianças", da França, avalia em 5 mil o número de meninos e 3 mil o de meninas envolvidas na prostituição só em Paris! Na América Latina as prostitutas mais apreciadas têm de ter entre 10 e 14 anos. Em Chicago, Nova Iorque, Nova Orleans, Dallas e Los Angeles, nos Estados Unidos, foram descobertos "depósitos" com garotos e garotas de 12 a 14 anos prostituídos. Em Los Angeles foi preso um casal que fotografava sua filha de três anos em atos sexuais com ambos os pais.

Diz um relatório do Procurador Geral sobre a Califórnia: "Há nos EUA (1982) pelo menos 264 revistas pornográficas especializadas em crianças. Em 1977, a polícia confiscou 15.000 'slides' pornográficos com meninos, 4.000 filmes de 15 minutos que mostram as crianças dos dois sexos, menores de 10 anos, em



Crianças abandonadas: vítimas de mais uma tara do capitalismo

todas as formas de manifestações de sexualidade, entre eles e com adultos".

E a clientela tem suas exigências. Em Manila, capital das Filipinas, há lugares onde se oferecem surdos-mudos de 10 a 16 anos. Algumas crianças trazem, inclusive, tatuadas na coxa direita, a "marca" da rede que as explora, numa espécie de "controle de qualidade". Como tudo no capitalismo, os "serviços especiais" têm seu preço. Assim, para ficar apenas nas Filipinas, por 10 dólares, em 1982, poderiam ser contratadas crianças para relações sexuais. Mas se o "consumidor" ainda pretendia amarrar os garotos ou garotas em cadeiras, surr-los e submetê-los a simulacros de estrangulamento, teriam que pagar 25 dólares por cabeça.

Outra denúncia horripilante, incluída em "Crianças Mal-Amadas", diz respeito aos snuff-films, "ou seja, películas nas quais a criança é morta depois de cenas de flagelação ou prática de sadismo". O preço da entrada costumava ser de 300 a 400 dólares.

O que é feito aos pequenos ingênuos, para submetê-los a essa degradação? Em Bangkok, Tailândia, certa vez um incêndio num bairro da prostituição destruiu 57 bordéis e foram encontradas 8 meninas carbonizadas. As saídas dos prostituídos eram todas fechadas com chave e ninguém pode escapar. Duas das crianças estavam acorrentadas às camas.

"A criança prostituída é, além do mais", alerta Lorenzi, "um elemento importante do mercado da droga. Por incapacidade de suportar a vida que lhes é imposta, e à qual não podem mais fugir, por ingenuidade, por anestesia, por ameaças ou por indução, essas crianças que alcançam a adolescência acabam se drogando e se transformando em intermediários do tráfico de drogas. Dupla exploração, intimamente ligada, pelas

organizações que controlam a prostituição e o vício, e pelas que controlam a droga. Dupla abjeção para as vítimas". Há dados que indicam que na França, a esperança de vida desses menores não chega a 30 anos.

O drama atinge cerca de 50 mil meninas na área rural no Brasil

Após essa pequena amostra da trágica realidade exposta por Mario Lorenzi no seu trabalho, cabe saber um pouco dos que usufruem e se beneficiam desse mercado. O livro dá algumas indicações a respeito. A começar pelos preços cobrados pelos "serviços" dos menores.

Segundo a ONU, o desenvolvimento do turismo, aumenta o número de meninos "treinados para prostituição, que fazem parte do 'ambiente' de Hammamet, Djibba, Rio de Janeiro, Abidjan, Dakar, Colombo e Istambul".

Um integrante do Grupo de Trabalho da Subcomissão da ONU para a Luta Contra as Medidas Discriminatórias e de Proteção das Minorias depôs a Lorenzi: "Muito pior e em maior escala, a prostituição de crianças se dá perto das bases militares americanas e nos grandes centros turísticos. Os soldados americanos se acostumaram no Vietnã às pequenas e frágeis mulheres de lá. Preferem-nas cada vez mais jovens agora". Os países da Europa, os Estados Unidos, os países petrolíferos e o Japão - em suma, os países ricos e imperialistas - estão entre os que mais exploram as crianças para a produção pornográfica, entre outras atividades.

Como se reflete esta situação no Brasil? O Rio de Janeiro foi citado, acima, como um dos locais turísticos onde existem meninos

"treinados" para a prostituição infantil. Mas não existem estudos ou levantamentos aprofundados a respeito, segundo o que alerta o próprio Mario Lorenzi. Alguns índices do problema, porém, podem ser detectados.

Uma Comissão de Inquérito da Câmara dos Deputados, de 1979, apontou a existência de 35 milhões de menores carentes em nosso país - alvo fácil dos cafetões e da máfia da prostituição internacional. Um relatório da ONU de 1982 indica que, no Brasil, "mais de 50 mil meninas das regiões rurais são exploradas em condições muito duras no serviços domésticos e, depois de serem 'usadas' pelas famílias, acabam nos circuitos da prostituição onde os proxenetas realizam lucros consideráveis".

Os levantamentos da ONU sobre o tráfico de crianças detectou, também, a vinda de crianças dos países costeiros da África Ocidental para várias regiões do globo, inclusive o Brasil. "Nas regiões mais sofridas do nosso continente", escreve Lorenzi, "não é raro que os pais cedam a filha de 8/10 anos em pagamento de mercadorias compradas a feirantes, que as abandonam por aí ao cabo de uns dias, sem recursos, ou as cedem por sua vez a 'colegas', com a conclusão que se pode imaginar".

Sabe-se, também, que agências internacionais "adotam" crianças brasileiras para levá-las a "famílias" no exterior. Vez por outra esse tráfico é denunciado até mesmo pela televisão, embora não se pesquise a fundo o que acontece a esses órfãos no exterior.

A dra. Renée Bridel, delegada da Federação Internacional dos Direitos Humanos e da Associação Internacional de Juristas Democráticos junto à ONU, num estudo de 1982 afirma que "no México e no Brasil foram descobertas, alguns anos atrás, covas comuns,

perto de bordéis em regiões subdesenvolvidas, onde eram sepultadas meninas que tinham morrido por não agüentar as péssimas condições de vida, incluindo 'serviços' a 80, 100 homens por dia".

Um problema que é esquecido para não macular o brilho do sistema

"Crianças Mal-Amadas, Nova Minoria", de Mario Lorenzi, arrola muitos outros fatos, dados, denúncias. O autor acerta ao afirmar: "O problema do tráfico, da exploração sexual e da escravidão das crianças, 'dessas crianças', é um problema proletário, é parte do que deve ser ignorado por diminuir o brilho do sistema" (capitalista).

Mas equivoca-se ao, buscando soluções para o gravíssimo problema, acreditar que a "dialética democrática" basta para pôr fim à exploração sexual de crianças. A verdade é que dentro dos marcos do capitalismo - mesmo do capitalismo mais democrático - o problema não tem solução.

Afinal, países como os Estados Unidos e a França são os primeiros exemplos que ocorrem aos arautos do capitalismo cada vez que se fala de democracia, eleições, respeito às leis etc. E o que o próprio livro de Lorenzi diz desses países? São 8 mil crianças prostituídas só em Paris! Quanto aos Estados Unidos, "uma de cada cinco crianças americanas é vítima de violência sexual", segundo um estudo citado por Lorenzi.

Em sua fase de decadência o capitalismo leva o conjunto da sociedade à putrefação, à crise econômica, social, política, e inclusive moral. Uma propaganda de cosméticos infantis, veiculada pela tevê brasileira, mostra uma garotinha de seus oito anos saindo do banho em situações sensuais...

A exploração sexual - de crianças ou adultos - antecede o próprio capitalismo. É produto da sociedade dividida em classes e atinge, esta longe de dúvidas, proporções as mais fantásticas de toda a história humana justamente no capitalismo em sua fase imperialista. Mas o desenvolvimento da burguesia, a classe capitalista, levou à produção também, e sobretudo, dos coveiros da sociedade dividida em classes, o proletariado. E por isto também, o problema da exploração sexual e da escravidão das crianças "é um problema proletário", como, com acerto, afirmou o próprio Lorenzi (ver também o livro de Ibs Pompe).



Prostituição de crianças é prática corriqueira nas bases norte-americanas

CDM

Centro de Documentação e Memória Fundação Maurício Grabois

Osasco aprova devolução do Imposto Sindical

Os metalúrgicos de Osasco, na grande São Paulo, acabam de aprovar a medida inédita no sindicalismo brasileiro no tocante ao controvertido Imposto Sindical. Por decisão unânime de recente assembléia e proposta da própria diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos da região, ficou acertado que o dinheiro arrecadado compulsoriamente para o Imposto será devolvido a todos os metalúrgicos sindicalizados da base.

A iniciativa, que visa romper com uma das formas de atrelamento dos Sindicatos ao Estado, promete gerar polêmica. Mas Antônio Toschi, presidente da entidade de Osasco, logo esclarece: "A adoção desta medida depende da realidade de cada Sindicato. Não pode ser uma aventura".

SINDICATO COM BASE

No caso de Osasco, a situação do sindicato é invejável. Dos 37 mil operários da base, 24.200 são sindicalizados (um índice de 65%, bastante superior a média sindical, em torno de 25%). Além disso a diretoria conseguiu estabelecer financeiramente a entidade, construindo a partir de uma administração eficaz e austera uma forte estrutura - com sede, subseções, um Centro de Lazer do Metalúrgico, Colônia de Férias e assistência médica.

Não há as costumeiras mordomias no Sindicato. Os 11 diretores afastados das empresas recebem os mesmos salários da produção, mais uma ajuda de custo de apenas um salário mínimo. A sala do presidente, diferente dos luxuosos gabinetes de vários burocratas sindicais, é simples. E a receita do Sindicato, que depende da sindicalização e da contribuição assistencial (pequena taxa aprovada democraticamente nas assembléias) é suficiente para manter em dia os gastos com a mobilização e organização da categoria. Só com a cobrança das mensalidades dos sócios em quatro meses, o Sindicato arrecada a mesma quantia do Imposto Sindical.

INCENTIVO AO SÓCIO

Pela decisão da assembléia na semana retrasada, o Sindicato deixará de contar em 1986 com cerca de Cr\$ 2 milhões arrecadados pelo Imposto. O dinheiro será devolvido apenas aos sócios do Sindicato, o restante não

Tentativa de controle

O Imposto Sindical foi instituído por Getúlio Vargas em 1940, no bojo de inúmeras mudanças fascistas na estrutura sindical brasileira. O objetivo do chefe do Estado Novo era claro: atrelar ainda mais os sindicatos ao Estado, tornando-os dependentes de um dinheiro arrecadado, distribuído e controlado pelo próprio governo.

Antes os sindicatos eram sustentados apenas com a contribuição voluntária dos sócios. Por isso era vital o esforço da diretoria para torná-los representativos e de luta, única forma de garantir a sindicalização e sustentação da entidade. Com a instituição do IS, Getúlio procurou também alterar radicalmente o caráter dos organismos sindicais.

Estes não precisariam mais ser instrumentos dinâmicos de luta, pois não dependiam financeiramente dos sócios. Isto fez com que vários sindicatos se desenraizassem

das suas bases, tornando-se refúgio de pelegos. Os pelegos preferem, inclusive, um sindicato fraco, sem grandes gastos com a mobilização da categoria, pois com isso sobra mais dinheiro para corrupçãoes e mordomias e facilita a perpetuação no poder.

Além disso, Getúlio impôs que o dinheiro arrecadado compulsoriamente dos trabalhadores tivesse uma única destinação: o assistencialismo. Ou seja: mais uma tentativa de descaracterizar os sindicatos, transformando-os em grandes hospitais. Em 1941 o governo criou uma comissão especial para fiscalizar rigidamente a utilização do dinheiro do IS.

Devido a estes e outros fatores, o IS serviu para prejudicar o sindicalismo. Agora, num momento de democratização do país, cabe às direções sindicais discutir, de forma ponderada, o que fazer com esse instrumento de controle e atrelamento dos sindicatos.

terá o privilégio. Isto de certa forma incentivará o aumento do número de associados - tanto que a diretoria já programou uma nova campanha de sindicalização para este final de ano.

Para Antônio Toschi, "com esta medida pretendemos provar que é possível um Sindicato representativo mobilizar a categoria apenas com a contribuição voluntária. Não dependeremos mais do Imposto, que no nosso entender é uma das principais formas de sustentação do peleguismo e do controle do Sindicato pelo Estado. Hoje em dia tem muito dirigente sindical que prefere não mobilizar a base e nem sindicalizar, porque desta forma sobra-lhe mais dinheiro para corrupção e perpetuação no poder".

Mas Toschi deixa claro que esta medida não deve servir como diretriz para todo movimento sindical. "Cada caso é um caso. Nós aproveitamos a extinção parcial do Imposto porque contamos com um bom nível de sindicalização, nossas finanças estão estabilizadas e o Sindicato tem respaldo na

base. É claro que muitas outras entidades não teriam as mínimas condições de sobreviver sem esse dinheiro".

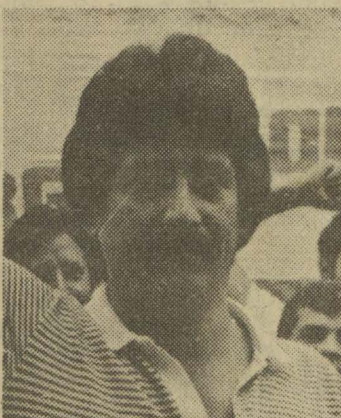
Além disso, ele lembra que "vários empresários tem defendido a idéia da extinção pura e simples do Imposto Sindical com o objetivo de arruinar as organizações sindicais. O próprio ministro Gusmão, que é representante da reação no governo, participa desta campanha antisindical. Eles sabem que não existe Sindicato forte sem estrutura forte. Visam acabar com o Imposto para acabar com o Sindicato. É pura provocação".

No entanto, o dirigente metalúrgico acha que é o momento de discutir com maior serenidade e consequência as formas de desatrelar o Sindicato do Estado. "Tem muito dirigente sindical que fala que é contra a estrutura sindical fascista, posa de autêntico e combativo, mas que até hoje não tomou nenhuma medida neste sentido. A iniciativa que o nosso Sindicato adotou talvez seja um caminho para maior autonomia sindical".

Metalúrgicos de Taubaté querem renovar seu Sindicato

Nos próximos dias 24, 25 e 26 de setembro ocorrerão as eleições para nova diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de Taubaté e Pindamonhanga, no interior de São Paulo. O pleito é de grande importância para os rumos do sindicalismo metalúrgico do Estado, já que na região se concentram grandes multinacionais (Volks e Ford) e um contingente expressivo do proletariado paulista.

A categoria é conhecida a nível estadual por sua combatividade e forte coesão. Nas campanhas salariais recentes a adesão às greves foi maciça. Também são costumeiras as paralisações por fábrica contra irregularida-



Batista: liderança respeitada

des patronais. Tudo isso apesar da direção atual do Sindicato, que joga sempre na defensiva, evita mobilizar a classe para os grande emba-

tes e vive em conchavos espúrios com os empresários.

Para colocar a entidade sindical à altura da combatividade dos metalúrgicos da região, foi formada a **Chapa 2, Oposição Metalúrgica**. Ela é composta pelas principais lideranças das últimas greves e por membros de Cipas (Comissões Internas de Prevenção de Acidentes) e das Comissões de Fábrica existentes. Seu encabeçador, o operário João Batista Rodrigues é membro da comissão de fábrica da Volks. Devido sua atuação destacada na greve geral de abril passado, foi demitido arbitrariamente apesar de possuir estabilidade no emprego garantida.

Docentes e servidores mantêm luta na universidade do Piauí

Os docentes e servidores da Universidade Federal do Piauí (UFPI) estão em greve há mais de 20 dias. A luta contra as perdas salariais é o eixo do movimento paralisado.

A Reitoria da UFPI insiste em não pagar os justos vencimentos dos docentes e em não criar condições para o aprimoramento do nível do ensino. Não vacila, portanto, em efetuar contratações e transferências inde-

lares (19 contratações e centenas de transferências em dez meses de mandato do atual reitor), em tentar cassar a participação estudantil nos órgãos colegiados, em promover o clientelismo e em usar a universidade como instrumento a serviço de interesses de grupos alheios aos reais interesses da comunidade universitária.

Segundo a professora Gilmara Gomes, esta inserida em um Estado em que os interesses do

detém todo o poder. Neste contexto, a universidade está voltada para atender as exigências deste setor, o que faz através do clientelismo nas contratações e até mesmo no acesso às vagas. Em relação a isto, destaca-se as transferências e mudanças de cursos as mais variadas. Por isto, no momento da greve, devemos discutir todos os problemas que envolvem a comunidade universitária, desde a utilização no interesse dos alunos". (da sucursal)



Canavieiros pernambucanos ameaçam parar a produção caso suas reivindicações não sejam atendidas

Canavieiros preparam greve em Pernambuco

Cerca de 240 mil trabalhadores rurais da Zona da Mata, onde se concentra a agroindústria açucareira de Pernambuco, realizaram assembléia no último dia 15. Foi a arrancada da campanha salarial. Os canavieiros querem salário de Cr\$ 764 mil mensais, trimestralidade, desarmamento das milícias privadas, além de outras 47 exigências. Pode haver greve.

A categoria prepara-se para a paralisação caso usineiros e donos de engenho não atendam suas reivindicações. As cidades da Zona da Mata vivem tempos de intensa mobilização. Em São Lourenço da Mata cerca de 3 mil trabalhadores rurais compareceram à assembléia, e gritavam entusiasmados: "Um, dois, três, bate no cambuco, ou aumenta o salário ou paramos Pernambuco". O sindicato local é dos mais tradicionais na luta dos canavieiros. Na própria assembléia marcou-se uma passeata pelas ruas da cidade para sensibilizar a comunidade.

AMEAÇA DE MORTE

O patronato reagiu com sua costumeira truculência. O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de São Lourenço, Agapito Francisco, está sendo ameaçado de morte pelos usineiros e donos de engenho. "Recebi um telefonema me perguntando se eu não teria levar um tiro de espingarda 12 pelas costas. Eles querem amedrontar a mim e aos trabalhadores. Mas se eles estão armados, nós podemos fazer o mesmo".



Sobre as reivindicações deste ano, os trabalhadores demonstraram-se dispostos a ir à luta: "Não agüentamos mais a situação de miséria e exploração em que vivemos", declarou um camponês. "Este ano ou vai ou racha", emendou outro.

Na assembléia realizada em Joaquim Nabuco, os trabalhadores denunciaram uma nota emitida pela usina Pumaty, que conclamava os camponeses a não fazerem greve, pois "prejudicaria suas atividades". Um trabalhador da empresa não se conteve: "É pura demagogia! Esta usina vem obtendo altos lucros às nossas custas".

REGIÃO RICA

A Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco (Fetape) emitiu nota onde destaca que nas últimas três safras o aumento da produção de cana no Estado foi de 44%. Segundo a Fetape, a zona canavieira "é a região mais rica de Pernambuco. No entanto, é também a região onde se

verificam os maiores índices de miséria do Estado. A riqueza dos senhores de engenho e usineiros é sustentada pela fome, desnutrição, mortalidade e trabalho dos assalariados rurais da cana-de-açúcar".

A entidade dos trabalhadores ainda alerta que de outubro do ano passado "a setembro deste ano, além de outras formas de violência, foram registrados oito casos de assassinatos de trabalhadores, delegados e dirigentes sindicais nos municípios de São José da Coroa Grande, Maraial, Escada, Amaraji, Limoeiro, Aliança e Igarassú, todos em função da luta pelo cumprimento do dissídio".

O órgão classista denuncia que a partir de 1980 "a tática patronal tem sido a da encenação" nas negociações salariais, "procurando mascarar sua intransigência. Durante esse período, os patrões têm buscado apenas gastar tempo, visando evitar a Convenção Coletiva e chegar ao Dissídio Coletivo com postulação de cerceamento da greve". (da sucursal)

Fazendeiro mata no Alto Araguaia

Mais um assassinato ocorreu no município de Alto Araguaia, divisa entre Mato Grosso e Goiás. O fazendeiro Arnaldo Felipe da Silva matou o trabalhador rural Nilton Policarpo de Souza. Nilton havia recorrido ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais da cidade para ajudá-lo na rescisão de contrato, verbal, acertada com Arnaldo, proprie-

tário da Fazenda Corrêgo Azul. Em represália, Arnaldo matou-o, no distrito de Taquary.

O assassinato ocorreu no dia 6, quando o delegado sindical do distrito, Vitorino Ferreira Barbosa, levava um ofício do Sindicato em que pedia o comparecimento do fazendeiro na sede da entidade. Pre-

tendia que o patrão assinasse a rescisão de contrato, sem maiores problemas. Vitorino estava acompanhado de Nilton Policarpo.

Nilton e Vitorino iam de trator, e pararam no caminho para retirar um pau atravessado na estrada. Nesse momento surgiu o fazendeiro Arnaldo. Vitorino entregou-lhe o ofício do sindicato. Arnaldo leu e começou a discutir com Nilton que a esta altura já estava em cima do trator, pronto para ir embora. O fazendeiro não teve dúvidas: sacou de seu revólver e desferiu cinco tiros contra Nilton, que morreu na hora. Vitorino conseguiu escapar e procurou a delegacia de polícia na sede do distrito, para que tomasse as devidas providências. O delegado sindical procurou também a Federação dos Trabalhadores Rurais do Mato Grosso, para exigir a punição do fazendeiro assassino.

MORTE EM PARAGOMINAS

Também no Pará o latifúndio cometeu mais um de seus crimes neste mês. No dia 16 o líder sindical Salvador Alves dos Santos foi assassinado em Paragominas por pistoleiros. Salvador era delegado do Sindicato dos Trabalhadores Rurais locais. Os pistoleiros ainda feriram o lavrador Carlito Almeida, internado em estado grave num hospital de Imperatriz. O atentado ocorreu no entrocamento das rodovias Belém-Brasília e PA-70. Os pistoleiros conseguiram escapar, fugindo em direção a Paragominas. Os lavradores exigem a apuração do crime. (da sucursal)



Nilton, assassinado friamente pelo ex-patrão quando pedia seus direitos



Santos realiza 50% das exportações do país, e pode parar

Portuários de Santos podem ir à greve

O porto de Santos pode parar no dia 23. A ameaça dos portuários que na semana passada realizaram assembleia e manifestação em frente à administração da Codesp e no centro da cidade. Foi a operação de "aquecimento". Se o governo não atender as reivindicações salariais da categoria, os operários cruzarão os braços.

Anteriormente, no dia 13, os portuários já haviam realizado uma manifestação com mais de 3 mil pessoas na praça Mauá, e ergueram os braços unidos numa pré-votação pelo grito de greve.

Benedito Furtado de Andrade, presidente do Sindicato da Administração Portuária e um dos principais líderes do movimento disse que "se o governo não conceder a antecipação salarial de 30% a partir de 1º de setembro, o movimento chegará a um acordo capaz de impedir a greve. É importante destacar que a inflação do último trimestre foi de 33%, corroendo já a antecipação que reivindicamos. Portanto, mesmo sabendo que o porto é responsável por mais de 50% das exportações do país, e que exercemos uma atividade essencial, estamos dispostos a fazer prevalecer nossos interesses."

REIVINDICAÇÕES

Durante toda a semana passada foram realizadas reuniões por categorias nos sindicatos para preparar a assembleia geral de domingo, dia 22, no Ginásio André Rebouças. Nessa assembleia poderá ser decidida a paralisação. As negociações intensificaram-se nesse período, e sabe-se que o ministro dos Transportes, Afonso Camargo, solicitou da Codesp dados para verificar até

que ponto as tarifas portuárias serão elevadas na hipótese do aumento dos operários sair.

Os trabalhadores querem 30% de antecipação salarial a partir de 1º de setembro e uma reposição em novembro, já que o índice já foi corroído pela inflação do trimestre. Pretendem o reajuste semestral com base no INPC integral - como outras estatais concederam este índice, é provável que não haja problemas neste ponto. Reivindicam o aumento de 20 e 50% para 100% nas horas extras - item considerado prioritário pelos portuários. Pugnam também para que o empréstimo de 30% que lhes foi concedido pela Codesp em abril e maio seja incorporado ao salário. E propõem a formação de um grupo de trabalho, constituído por representantes do sindicato e da empresa, para analisar as questões relativas as equipes de trabalho, dentre as quais está a extensão do adicional de 50% a todo o período noturno.

No ato da semana passada o representante da Conclat, Jamil Murad, foi muito aplaudido ao enfatizar a necessidade da unidade da luta para pressionar a Nova República a assumir seus compromissos com o povo. Jamil citou como exemplo a greve unitária, nacional e vitoriosa dos bancários. (da sucursal)

Petroleiros ameaçam ir à greve pela antecipação

Continua indefinida a situação dos 54 mil funcionários da Petrobrás que se encontram em campanha salarial. A empresa estatal ofereceu um aumento com base no INPC integral e mais 7,5% de reposição, mas recusa-se terminantemente a atender a proposta conciliatória dos petroleiros de concessão de uma antecipação salarial de 25% em janeiro ou fevereiro. Inicialmente a categoria, a nível nacional, reivindicava reajuste trimestral, 10% de reposição e 30% de antecipação. Mas, numa demonstração de flexibilidade, recuou e ofereceu como ponto de honra a antecipação.

quarta-feira, dia 18, os petroleiros de Santos e Cubatão, no litoral paulista, aceitaram fechar o acordo. O mesmo ocorreu com os operários da refinaria da Bahia. Já os petroleiros de Campinas, Paraná e Minas recusaram a proposta e decidiram manter o "estado de greve". Agora realizam novas assembleias, onde poderão decidir o dia da deflagração do movimento paredista.

Uma greve no setor, que é responsável pela produção de 65% do petróleo consumido no país, teria grande repercussão na economia nacional. Em 1983 os funcionários da Refinaria Planalto, a maior unidade da Petrobrás, em Campinas e Paulínia (SP), pararam por 27 dias, demonstrando a capacidade de luta da categoria.

Saldo positivo na greve nacional dos bancários

A greve nacional dos bancários marcou profundamente a conjuntura política e sindical brasileira. Conduzida de forma unitária e madura, a paralisação representou um duro golpe nos poderosos banqueiros. Por outro lado, traçou as novas relações entre a ação sindical e o governo, que a grosso modo manteve uma postura democrática. O balanço final da movimentação indica um saldo positivo para a luta dos trabalhadores.

Segundo avaliação do Comando Nacional de Greve, a paralisação atingiu cerca de 80% dos 700 mil bancários de todo o país, no que foi considerada a maior mobilização nacional da categoria já realizada na nossa história. Para as lideranças do movimento, a questão fundamental para esse expressivo sucesso foi a grande unidade alcançada na luta.

Todos os 141 Sindicatos de bancários espalhados pelos Estados, as 10 Federações interestaduais e a Contec (Confederação Nacional dos Trabalhadores em Empresas de Crédito) estiveram envolvidos, em menor ou maior grau, na preparação, deflagração e condução da greve. Desde o início da campanha salarial, há três meses, as principais direções sindicais foram sensíveis às pressões da base por uma unidade capaz de enfrentar os bancos.

"É aí que reside o segredo da vitória", comenta Ederaldo de Oliveira, diretor do Sindicato dos Bancários da capital paulista. Para ele "foi esta unidade que deu coragem aos bancários para brigarem contra os poderosos banqueiros. As direções sindicais foram conseqüentes. Deixaram de lado as questões menores, as divergências político-partidárias".

"Unidade na greve desmascara os que pregam a divisão"

O próprio sindicalista, que vive na carne a acirrada disputa entre Conclat/CUT no seu sindicato, acha que a greve trouxe grandes ensinamentos: "Na prática, na ação concreta, foi desmascarado todo o discurso divisionista que prega que não é possível a unidade sindical".

Poucas diretorias sindicais se colocaram contra a decisão do Encontro Nacional de Campinas de deflagrar a greve em 11 de setembro. As que se opuseram à decisão unitária foram deixadas para trás ou arrastadas pelo vigor da categoria. Em São Paulo, no interior, ocorreram apenas três casos. Em Goiânia, a direção pelega foi derrotada na assembleia.

Mas a postura defensiva e vacilante não ocorreu apenas com os chamados pelegos. Em Porto Alegre, onde o Sindicato é dirigido pela corrente cutista, houve tentativa de manobrar e evitar a paralisação. José Fortunati e Oli-



Presença ativa e vibrante em S. Paulo: sinal de avanço, segundo Ederaldo

vio Dutra, dirigentes da entidade e da CUT, defenderam na assembleia a proposta diversionista de "greve cascata" (parar os bancos estatais e só depois os particulares), mas foram vaiados pelos 4 mil presentes que optaram pela greve geral. Posteriormente, no dia 12, Olívio Dutra defendeu o retorno ao trabalho sem qualquer acordo firmado com os empresários e novamente foi vaiado, desta vez por 7 mil bancários.

A unidade da cúpula sindical teve como retorno a entusiasmante união da categoria na base. Nas assembleias de decretação da greve, ficou evidente a disposição de luta e coesão dos bancários. Gerentes, office-boys e escriturários, juntos, ergueram os braços para aprovar a paralisação. Na manhã seguinte a adesão foi maciça.

A categoria também deu mostra de sua maturidade, não aceitando provocações e evitando quebra-quebras que atrairiam a repressão policial. A greve foi ordeira, mas também bastante ativa. Milhares de grevistas participaram de piquetes, passeatas e das monstruosas assembleias em praças públicas. Jovens ativistas, com satisfação incontida, chegaram a dormir nas portas dos bancos para participar dos piquetes na madrugada seguinte. Em Salvador, capital que se destacou pelo alto nível de adesão à greve (100% das agências permaneceram fechadas), pequenas reuniões por banco se transformaram em assembleias com até 500 funcionários.

Toda essa mobilização deve gerar mudanças no seio desta categoria estratégica que mexe com o sistema financeiro nacional. Alguns reflexos já se fazem notar. O Sindicato dos Bancários de São Paulo, por exemplo, continua a viver dias agitados. Grupos de bancários, espontaneamente, procuram todos os dias os

diretores sindicais para solicitar fichas de sindicalização. Mesmo em bancos repressivos e difíceis de mobilizar, como o Bradesco, surgem grupos de bancários organizados.

Conforme prevê Ederaldo, "se consolidarmos esse trabalho organizativo, sem sectarismo e exclusivismo, vai ser mais fácil parar novamente os bancos. Nossa organização e confiança na própria capacidade de luta deu um grande salto de qualidade. Agora vamos colher os frutos".

Conquista de maior liberdade facilita movimento grevista

O fato da categoria ter retornado ao trabalho de cabeça erguida fez com que os banqueiros se intimidassem. Na agência Bradesco Panamericana, na capital paulista, a gerência anunciou a demissão de um dos grevistas. Os funcionários prometeram parar novamente e a empresa recuou.

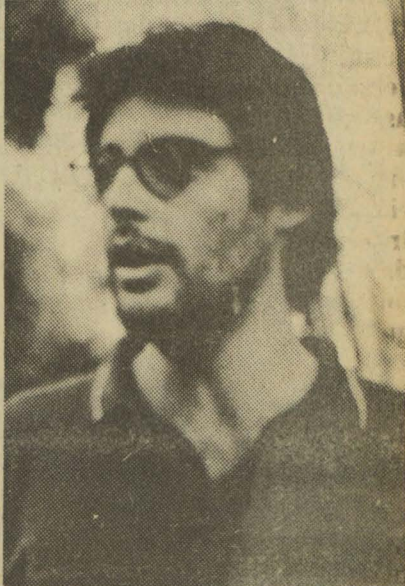
Até agora os banqueiros não efetuaram nenhuma demissão em massa de líderes grevistas - apesar de haver boatos de que estariam mapeando e listando os ativistas. Os patrões temem acirrar ainda mais os ânimos e gerar novas revoltas. "Os banqueiros quebram a cara nessa greve", avalia Odair Soares, ativista do Banco do Brasil. "Eles não acreditavam na paralisação. Imaginavam paralisações parciais e um policiamento ostensivo para derrotar de vez a categoria, mas se deram mal".

As lideranças sindicais ponderadas reconhecem que a conquista de um governo mais democrático, que não reprimiu a greve ou interviu nos sindicatos, foi um dos fatores que facilitaram o êxito do movimento. Mesmo os dirigentes mais sectários, que têm se pautado pelo ataque frontal à Nova República, elogiaram a postura do governo.

Na certa lembraram as cenas tristes no período do regime militar, como na greve de 1979, em São Paulo, quando a PM prendeu vários diretores sindicais e reprimiu violentamente os grevistas; ou na greve geral de 21 de julho de 1983, quando a Polícia Federal ocupou o Sindicato, prendeu cerca de metade da diretoria e o ministro do Trabalho interveio na entidade; ou mesmo na dos bancários gaúchos, em 1979, quando os dirigentes sindicais foram cassados e sete deles foram presos.

Neste sentido, o Comando Nacional de Greve soube agir com habilidade, explorando as divergências existentes no próprio governo e procurando o apoio dos setores mais progressistas. Não tratou o governo como se fosse na época dos generais. Manteve contato com governadores, secretários de Segurança, comandantes do Exército e com vários ministros, deixando claro que a paralisação não era contra o governo da Nova República.

Com isso, acabou anulando a forte pressão feita pelos banqueiros e por setores conservadores dentro do governo, como o SNI e a Casa Militar. É notório que essa ala reacionária forçou a paralisação que o governo reprimisse os grevistas, alegando ser o setor essencial.



decretasse a intervenção nas principais entidades sindicais. Chegou mesmo a pedir mais uma vez a cabeça do ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto, que se recusou a usar a obsoleta lei de greve e a intervenção. O ministro só deu um passo atrás ao reconhecer o "estado de greve", o que deu brecha para futura decretação da ilegalidade nos tribunais regionais.

Por outro lado, as forças conservadoras no governo saíram novamente vencedoras no terreno da negociação econômica. Na insana luta contra o reajuste trimestral, os ministros da área econômica proibiram os acordos salariais em separado propostos por alguns bancos estaduais, como o do Rio de Janeiro e Mato Grosso. Desta forma o governo, saiu arranhado, recebendo críticas e vaias nas assembleias bancárias.

"Resultado final foi positivo. Nós saímos por cima"

A soma de todos estes ingredientes resultou numa grande vitória da categoria. Vitória política, organizativa, mas também salarial - pelo menos nos principais Estados (São Paulo, Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Bahia e outros), onde já foram fechados acordos vantajosos.

Na capital paulista, o piso salarial pulou de Cr\$ 506 mil para Cr\$ 1.050 mil. Computados os 9% de incorporação e os 4% de produtividade, mais o INPC integral, o salário global em São Paulo aumentou em 90,78%. Já no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul o aumento global foi de 87,5%. E no caso da Bahia o aumento foi semelhante, com a diferença de que o acordo firmado diretamente com os banqueiros prevê também que não haverá demissões e que não serão descontados os dias parados.

No balanço final falta ainda aprofundar o debate sobre a forma como foi encerrada a greve em São Paulo e no Rio, onde os TRTs julgaram a paralisação já na quinta-feira, dia 12. De certo modo a decisão de retornar ao trabalho acabou por isolar os outros Estados.

Segundo avaliação inicial dos dirigentes bancários paulistas, esta foi a única decisão possível. Alegam que com o julgamento do TRT, concedendo um acordo vantajoso e decretando ilegalidade da greve, ficaria difícil manter a paralisação por mais um dia. Por outro lado, lembram que o Comando Nacional de Greve foi consultado e aprovou a proposta. (Atamirio Borges)

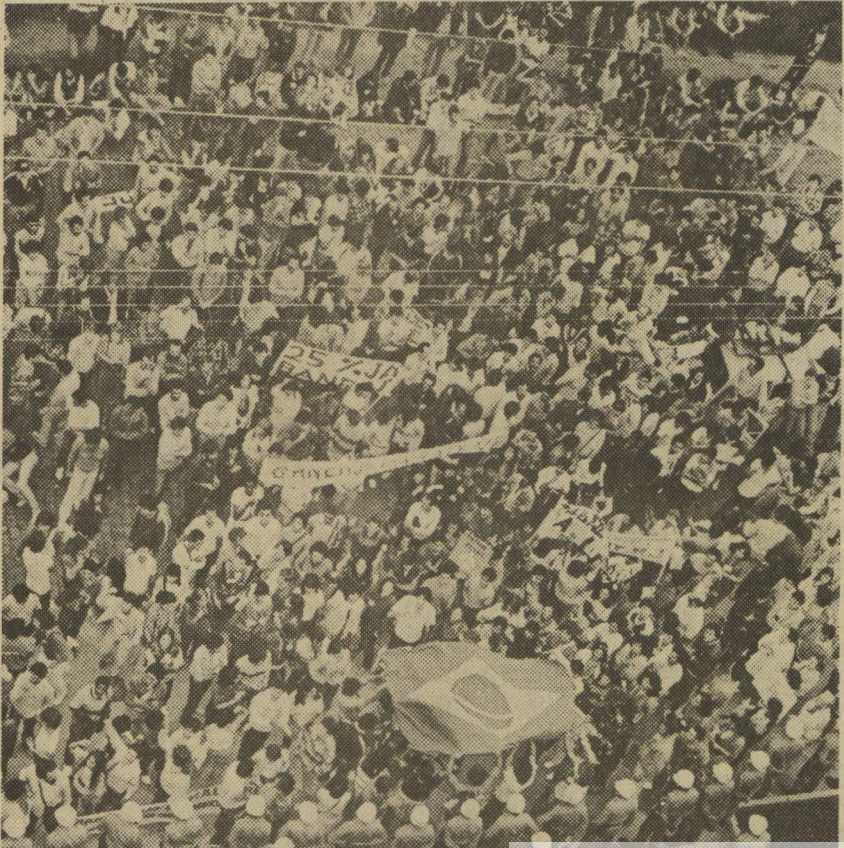
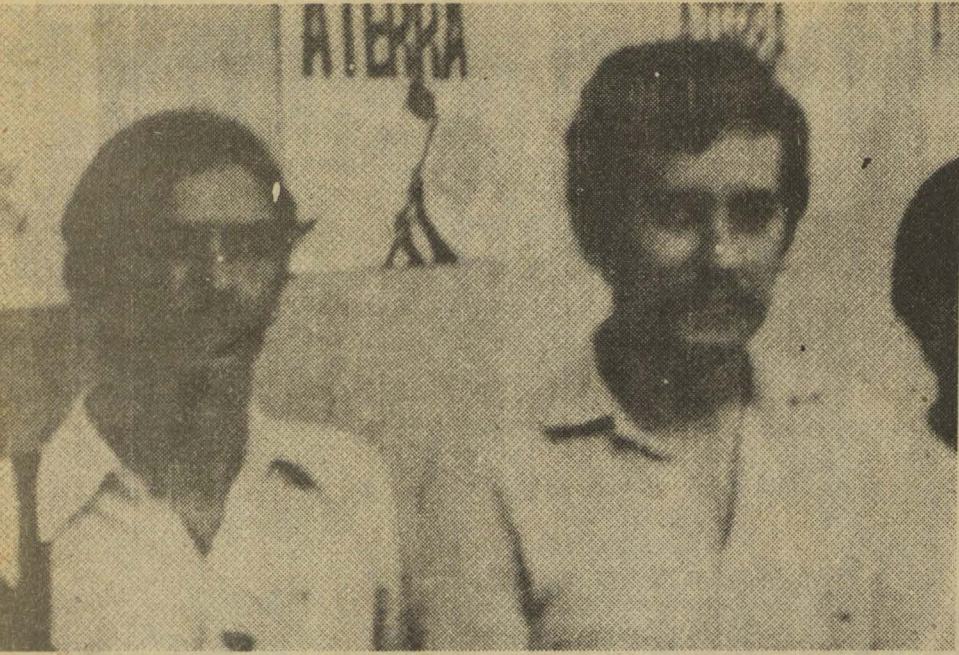


Foto Maurecy Santos

Sem aceitar provocação, manifestação gigante pressiona o TRT gaúcho

Com isso, acabou anulando a forte pressão feita pelos banqueiros e por setores conservadores dentro do governo, como o SNI e a Casa Militar. É notório que essa ala reacionária forçou a paralisação que o governo reprimisse os grevistas, alegando ser o setor essencial.



Salvador dos Santos (à esquerda) foi morto por defender os posseiros contra o latifúndio

Delegado sindical assassinado com selvageria no Pará

O delegado sindical Salvador Alves dos Santos, conhecido por Salvadorzinho, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Paragominas, foi assassinado em pleno centro, quando transitava juntamente com o colono Carlito de Almeida. O último saiu ferido, atingido por alguns chumbos de descarga de cartucheira 20. O delegado sindical teve a cabeça estourada e morreu instantaneamente.

O tiro de cartucheira 20 foi detonado por três elementos que ocupavam um

veículo Santana de cor bege, sem placa, no dia 16 de setembro, na localidade de Dom Elizeu, no Km 0 da BR-222, na frente de inúmeras pessoas.

O clima era de muita tensão e diversos lavradores se reuniram no velório, protestando contra a violência que vitimou o líder rural, que atuava em diversas colônias em que os posseiros estão pleiteando continuar nas terras onde moram e trabalham. (Amigos da TO - Belém do Pará)



Em assembléia, os operários da Samarco Mineração decidem pela greve

“Na Samarco demos um basta ao arrocho”

No dia 6 de setembro, após assembléia com 470 trabalhadores na sede do Sindicato dos Trabalhadores na Indústria da Extração de Ferro e Metais Básicos de Mariana, Minas Gerais, entraram em greve os 750 operários da Samarco Mineração.

O movimento faz parte da campanha salarial com dissídio em agosto e está sendo feito conjuntamente com os operários de Cariacica, no Espírito Santo. Atinge as firmas Samarco (750 operários em Mariana e 500 no Espírito Santo); Samitri (500 operários); Socoimex (300) e Unagem (350 operários).

Entre as reivindicações destacam-se: reajuste salarial de 110% do INPC;

10% da produtividade; reajuste trimestral; redução da jornada de trabalho para 40 horas semanais sem redução do salário e reposição salarial de 25%.

Segundo o presidente do Metabee-Mariana, Tompson da Silva, os trabalhadores demonstraram muita união e a adesão foi maciça. Um operário de 27 anos, há 8 na Samarco, disse: “É importante frisar a data de 7 de setembro (Independência do Brasil) pois o operário estava calado há muitos anos e resolvemos dar um basta na política de arrocho salarial da Samarco, oriunda do regime militar. Se houver agressões ou demissões haverá novas paralisações”. (Amigos da TO em Ouro Preto, Minas Gerais)

Funcionários municipais de Recife em greve após 21 anos de ditadura

Após 21 anos de ditadura militar os funcionários da Prefeitura Municipal de Recife entraram em greve por quase uma semana, reivindicando 100% de reposição salarial, trimestralidade e eleições diretas para presidente das empresas da administração indireta.

O movimento grevista não decorreu calmamente. Tentando amedrontar os servidores municipais e impedir a extensão da greve, o governador de Pernambuco, Roberto Magalhães e o prefeito biônico de Recife, Joaquim Francisco, recorreram ao Batalhão de Choque da PM, à Rádio Patrulha e ao DOPS. Isso culminou com a prisão de alguns servidores e do diretor do Sindicato dos Professores, Jurandir Pilar, que apoiava a greve.

Tudo começou quando o carro de som chegou para conclamar a massa trabalhadora a aderir à greve. Os gorilas do Batalhão de Choque cercaram o carro e arbitrariamente expulsaram-no do local. Após este incidente os grevistas resolveram no grito continuar clamando os companheiros. Então foram espancados, empurrados e detidos pelos PMs.

Esta situação, bem como a prisão de Jurandir não se encaixa no espírito da Nova República. O sindicalista rece-

beu tratamento dispensado a um criminoso tendo respondido interrogatório, passado para sala semi-escura e indo parar numa cela esquelética entre marginais, onde ficou por 6 horas.

Uma comissão de parlamentares, entre os quais o deputado Luciano Siqueira e os vereadores Carlos e Pedro Eurico compareceram ao DOPS visando liberar o sindicalista. O delegado Marco Ferraz ao receber a comissão disse que ele já estava liberado, o que não era verdade.

A imprensa burguesa acusou o sindicalista de agitador e de estar distribuindo panfleto do PC do Brasil, como se este partido fosse ilegal.

Na verdade, agitador é quem aciona o Batalhão de Choque contra os trabalhadores que estavam lutando pelo direito de sobreviver; é quem paga um salário de Cr\$ 33 mil a um servidor municipal.

Apesar das arbitrariedades a greve foi vitoriosa pois nenhum grevista foi punido e os servidores conquistaram um reajuste escalonado de 55 e 35%; e deram os primeiros passos no sentido de criar sua associação. (Jurandir Pilar - diretor do Sindicato dos Professores de Recife - Pernambuco)

Acrifex demite e chama polícia para criar clima de medo

Em Divinópolis, 18 trabalhadores da Empresa Acrifex foram demitidos sumariamente pelo gerente, sr. Tolentino, quando reivindicavam aumento salarial, taxa de insalubridade, condução e leite fornecido pela empresa.

No dia 4 de setembro os trabalhadores discutiram suas reivindicações com o gerente e este pediu-lhes que ficassem naquele momento fora da firma, a pretexto de poder atender suas reivindicações. E afirmou que na sexta-feira próxima daria resposta aos trabalhadores.

Na sexta-feira, dia do pagamento da semana (a exploração de Cr\$ 80 mil) um funcionário, sem saber explicar as razões, entregou os avisos prévios aos 18 colegas de firma. E ainda por cima os diretores da empresa chamaram um ostensivo policiamento, com reforço até de

Belo Horizonte para pressionar os trabalhadores. Os diretores da Acrifex criaram toda esta situação para alegar justa causa na demissão dos trabalhadores, afirmando que eles estavam fazendo greve e queriam destruir o patrimônio da empresa.

Há muito os trabalhadores pediam ordeiramente aumento salarial e outras justas reivindicações. Mas até agora só receberam como resposta a mentira, a exploração e humilhação por parte dos diretores. Hoje os operários já têm seu advogado para ajudá-los na luta contra os patrões e já pensam na criação de um sindicato. Os patrões não perdem por esperar o dia do acerto de contas. A classe operária irá cobrar em dobro as demissões, o desemprego e a exploração. (Amigos da TO em Divinópolis, Minas Gerais)



Borracheiros de Americana reforçam sua unidade

Os borracheiros de Americana já elegeram a nova diretoria de seu Sindicato. Não houve chapa de oposição e a categoria foi unida às urnas referendando com 84% dos votos, nos dias 3 e 4 de setembro, a chapa única encabeçada por Francisco Antônio da Silva, atual presidente do Sindicato. A nova diretoria assume em 27 de outubro.

A diretoria eleita é uma mescla de diretores atuais e novas lideranças apontadas por trabalhadores dentro da Goodyear, onde a categoria tem sua base, com cerca de 97% dos borracheiros da cidade. As propostas de trabalho dos 34 diretores eleitos vão desde equiparação salarial, redução da jornada e reajuste trimestral até formação de biblioteca, cooperativa de compra e constituição de um centro médico de pesquisa e tratamento das doenças do trabalho no setor.

O presidente Francisco Antônio da Silva aponta uma série de fatores que levaram à unidade da categoria,

com destaque para o bom acordo salarial alcançado em agosto do ano passado. “Mas nossa grande vitória foi a unidade, principalmente num momento em que o movimento dos trabalhadores brasileiros está tão dividido” - ressalta o presidente.

A mobilização dos trabalhadores em Americana não pára por aqui. Os têxteis - a maior categoria da cidade com cerca de 14 mil - já começaram a campanha salarial de 1985, com vistas à data-base de 11 de novembro. O Sindicato vem realizando seminários de avaliação e planejamento da campanha e já distribuiu milhares de cédulas onde os trabalhadores vão apontar as reivindicações para pauta deste ano. A eleição direta da pauta começa a dar os primeiros resultados em termos de mobilização; e no próximo dia 22, em assembléia, serão conhecidos os resultados. (Sindicato dos Borracheiros de Americana, São Paulo)



União de Mulheres decidiu no encontro apoiar a candidatura de Fernando Henrique

União de Mulheres de S. Paulo apóia Fernando Henrique

A União de Mulheres de São Paulo realizou um encontro no dia 25 de agosto para tratar de um programa da mulher para o município de São Paulo. Cerca de 200 mulheres, entre sócias e amigas, participaram do evento. A elaboração deste programa vem sendo feita há dois meses pela entidade. Realizamos uma pesquisa junto às sócias e mulheres interessadas para o levantamento de propostas. Cerca de 500 responderam ao questionário. No encontro foi apresentado o resultado da pesquisa.

As sugestões apresentadas foram: creches nos locais de trabalho e moradia; centro de orientação jurídica para as mulheres junto às administrações regionais; delegacias de defesa da mulher nos bairros, iluminação e transporte coletivo nos bairros para evitar assaltos e estupros. Além disso, supletivos de 12 e 29 graus, diurno e noturno para que as mulheres também possam frequentá-los. Cursos profissionalizantes, reelaboração dos currículos escola-

res, para que as mulheres e negros sejam tratados com dignidade e respeito.

Também reivindicamos a criação do Conselho Municipal da Mulher, órgão político com o objetivo de combater a discriminação sofrida pelas massas femininas.

A União de Mulheres de São Paulo, que conta hoje com 40 núcleos e 800 sócias, decidiu apoiar o candidato Fernando Henrique Cardoso para a prefeitura de São Paulo, como expressão das forças democráticas.

Outras entidades de mulheres e o movimento negro participaram também dos debates; concluímos pelo apoio conjunto da criação dos Conselhos Municipais do Negro e da Mulher. Para isso organizaremos uma ampla manifestação de mulheres de diversas entidades e partidos, em defesa da democracia, quando entregaremos nossas principais reivindicações ao candidato Fernando Henrique. (Maria Amélia Teles, presidente da União de Mulheres de São Paulo)



fala o POVO

O clima de tensão no campo brasileiro cresce a cada minuto. O brutal assassinato de Salvadorzinho, delegado sindical em Paragominas, põe a nu o sadismo dos latifundiários em sua tentativa de aterrorizar os lavradores que lutam pela reforma agrária. Mas de outro lado cresce a revolta. E os trabalhadores se preparam para defender seus direitos. (Olivia Rangel)

Escola de Agrovila Bom Jesus da Lapa tem eleição direta

Um fato inédito ocorrerá no dia 2 de setembro nas agrovilas do Projeto Especial de Colonização da Serra do Ramalho, no município de Bom Jesus da Lapa, Bahia, administrado pelo Incra: haverá eleições diretas para o preenchimento de 6 vagas da Coordenação de Ensino, diretoria e vice-diretoria da única escola de 1º grau nível II e III existente no projeto.

Temos 172 professores que lecionam para 8 mil alunos em 19 escolas e aproximadamente 200 servidores, propondo uma dinâmica e disputada campanha eleitoral. De um lado a chapa A, composta de antigos funcionários, discípulos do malufista Prisco Viana, órfãos da ditadura, que passaram 5 anos dirigindo a coordenação de Ensino e a tiraram no mais puro imobilismo. De outro lado a chapa B, credito Neves (chapa B) ligando-se aos anseios de mudança da sociedade defendendo firmemente a liberdade e a democracia, levantando propostas concretas no sentido de democratizar a escola e conquistar melhores condições de ensino e trabalho para os professores, almejando a edificação de uma escola progressista, para forjar nos alunos uma consciência de classe oprimida, prepará-los para serem homens livres e cultos.

(Paulo Roberto Campos, presidente da Associação dos Professores das Agrovilas - Bom Jesus da Lapa, Bahia)

Empresa de ônibus que Abi-Ackel ajudou desrespeita o povo

No dia 7 de setembro a empresa Cristo Rei retirou seus ônibus de circulação sem comunicar à população dos locais servidos por ela: a Vila Residencial, em Mariana, e o distrito Antônio Pereira, em Ouro Preto.

Ficaram no ponto esperando senhoras com crianças de colo, pessoas que queriam assistir o desfile de 7 de setembro, e outras que precisavam comprar remédio em Mariana, pois nestas localidades não tem nenhuma farmácia, ambulatório e inclusive açougue nos feriados.

Esta empresa, que não mostra respeito nenhum pela população foi beneficiada pelo ex-ministro do regime militar Abi-Ackel com a retirada de processos trabalhistas contra o seu dono, sr. Jarbas.

A empresa fez isso porque os operários da Samarco Mineração estavam em greve e não haveria número de passageiros suficiente para encher os ônibus. (Morador de Mariana, Minas Gerais)

Prisões brasileiras têm uma incurável alergia aos ricos

Ainda há muito escândalo oculto nesta singular nação em que os presídios ainda padecem de incurável alergia aos marginais ricos.

Como marítimo, cito a desnacionalização de nossa marinha mercante, as corrupções nas capitânicas dos portos, o abandono de nossos companheiros entregues à bebida, à marginalização e à safadeza de nossa Confederação Nacional do Marítimos. Ela nos engana, promete criar uma sociedade com armadores brasileiros, comprar navios e oferecer emprego para nós.

Estou desembarcado há três anos. Há agentes de navegação que cobram até Cr\$ 1 milhão para conseguir um embarque, como o caso de Macaé, no Estado do Rio de Janeiro. O próprio presidente do sindicato da categoria cobra para arranjar um embarque. Em suma: escândalos, escândalos e ninguém na cadeia. (João Gomes de Oliveira)

Cr\$ 120.000
Cr\$ 60.000
Cr\$ 60.000
Cr\$ 30.000
Cr\$ 15.000
US\$ 70

assinatura pa-
nirán Barbosa,

Estado: _____
Profissão: _____
Data: _____

CDM

Enviar a casa com seu pedido de assinatura para:
Central de Documentação e Memória
Fundação Maurício Gracioso
531, Bela Vista, São Paulo, CEP: 01314

Faça cinco assinaturas da **Tribuna Operária** e ganhe uma de brinde! Celebre com a Campanha Nova República da T.O.

Fábrica vira câmara de gás

Por trás de cada peça de aço niquelada ou cromada, bem reluzente, seja uma calota de carro ou um pequeno suporte de xícara, está parte da saúde do trabalhador. Os patrões das indústrias de galvanoplastia colocam os operários em contato direto com gases venenosos, sem lhes oferecer nenhuma proteção. As metalúrgicas Aramearte e Croni, de Osasco, são dois exemplos. Vários de seus empregados estão com lesões graves no corpo e os donos poderão ser processados criminalmente pela Secretaria do Trabalho de São Paulo.

Os donos da Aramearte - Indústria e Comércio de Artefatos de Arame - não imaginavam que a população algum dia descobrisse o crime que vinham praticando lentamente contra seus empregados. A fábrica fica entre dezenas de chácaras do bairro de Caucaia do Alto, no município de Cotia, vizinho a Osasco. Para se chegar lá é necessário enfrentar uma estreita e tortuosa estrada de terra. Em agosto do ano passado o Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco recebeu uma denúncia da fábrica que funcionava clandestinamente e foi lá investigar.

Diretores do Sindicato conseguiram entrar na fábrica num momento em que os patrões não estavam e descobriram vários menores trabalhando sem as mínimas condições de salubridade. Os vários tanques com soluções de cromo, níquel, cianeto e outros preparados químicos, exalavam gases venenosos que contaminavam o ambiente. Os patrões expulsaram os sindicalistas do local, mas foram autuados pela Secretaria do Trabalho que deu um ano de prazo à firma para regularizar o funcionamento dos locais de trabalho.

Com o correr dos meses, novas denúncias vieram da Aramearte e de outras indústrias de galvanoplastia. Os fatos chegaram ao conhecimento público e diversos órgãos se mobilizaram. A DRT poderá interditar a fábrica de Caucaia do Alto; a Secretaria do Trabalho abriu processo responsabilizando criminalmente os donos da Aramearte por lesões corporais a seus empregados; a Fundacentro examinou alguns ex-empregados e constatou lesões graves em dois deles; o Departamento de Medicina Preventiva da USP fará exames de sangue; a Câmara Municipal de Cotia e o prefeito também entraram na briga exigindo solução para o caso.

Oséas tem apenas 20 anos mas já perdeu a saúde nos gases

No dia 7, com a presença de sindicalistas, da imprensa e dos médicos da Fundacentro, os donos da Aramearte se mostravam corteses. Concordearam que realmente foram relapsos e até elogiaram o trabalho do Sindicato. De um lado se destacava a fila de operários à espera de serem examinados, magros, mãos corroidas pelos ácidos, e, de outro, os patrões, robustos, com barrigas salientes andando de um lado para o outro procurando disfarçar o nervosismo. Um deles, camisa aberta no peito, deixando à mostra um reluzente crucifixo de ouro, relatava as "qualidades" de sua fábrica, contando que, em outros lugares, as condições são piores.

Na Aramearte existem 45 empregados, quase todos registrados como "ajudante geral" e nenhum como cromador e com salários mensais de Cr\$ 453.280. Oséas Ramos da Silva, 20 anos de idade, trabalha há três anos e meio na cromeação, foi afastado do serviço a pedido médico, com ulcerações nas mãos e lesões no nariz. "De vez em quando eu sinto como se fosse uma febre por dentro e solta aquele ar quente" diz ele. E acrescenta: "Meu horário era das sete às cinco e meia. Mas eu sempre substitua alguém que faltava e ficava até as dez horas".

Mas existem outras fábricas em piores condições ainda. Uma

delas é a Indústria de Cromeação Croni, no bairro de Presidente Altino, em Osasco. Cláudio Olores, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco conta o que viu lá: "A situação da Croni é pior do que a da Aramearte. No setor de galvanoplastia existe uma má ventilação e, portanto, os gases são mais facilmente inalados pelos trabalhadores. Não existe qualquer tipo de exaustor artificial. Presenciamos quatro mulheres trabalhando na galvanoplastia, o que é proibido por lei. Uma delas estava grávida. O cromo e os gases de cianeto atacam o feto e podem provocar o aborto".

Os trabalhadores não sabem o risco que correm e o patrão, mesmo sabendo, não os esclarece. Manuel Simplicio está com várias feridas no corpo, tem uma das mãos inchadas e o médico pediu seu afastamento, mas continua trabalhando. Manuel trabalha há 22 anos neste tipo de serviço e há 9 anos na Croni, mas comenta: "Não tô preocupado". Um outro operário explica que a firma não paga insalubridade, mas continua ali porque tem cinco filhos para tratar. "Ficar preocupado a gente fica, mas fazer o quê?", explica ele a respeito da falta de segurança naquela fábrica.

A falta de segurança existe tanto nas pequenas como nas grandes indústrias. Carlos Clemente, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de Osasco, explica que "na Cobrasma, com 5.500 operários, o pessoal estava ameaçado de câncer por contaminação com asbesto. E acrescenta: "Nas grandes empresas a coisa é mais complicada".

80 médicos para fiscalizar 742 mil fábricas paulistas

Há uma enorme dificuldade em fiscalizar regularmente as empresas. Existem apenas 80 médicos e 60 engenheiros da Delegacia do Trabalho para fiscalizar as 742 mil empresas no Estado de São Paulo. Há um ano atrás era pior, pois havia somente oito médicos e quatro engenheiros na fiscalização da segurança e medicina.

Numa "blitz" fiscal no município de Osasco, entre 15 de agosto a 15 de setembro, em 130 fábricas, constatou-se o seguinte: 58% das empresas não mantêm proteção adequada nas máquinas; 55% das empresas possuem ruído excessivo, que leva à surdez e doenças nervosas; 32,5% das empresas expõem os operários a agentes químicos diversos (casos de galvanoplastia); dentre eles produtos que provocam câncer e doenças profissionais. (Domingos de Abreu)



Operário trabalha sobre um tanque com solução de cianeto na Aramearte (a máscara é de uso recente); à direita as seqüelas nas gengivas e nariz

A saúde vale muito

Os patrões querem ver as máquinas funcionando a todo vapor, mas não se preocupam em oferecer as mínimas condições de segurança aos que nelas trabalham. O resultado são os números crescentes de acidentes no trabalho. O que ocorre em Osasco, município com 600 mil habitantes, na grande São Paulo, é um exemplo disso. Em 1983 morreram dentro das fábricas 10 pessoas. Um ano depois este número era de 48 mortos, segundo dados do INPS. Se incluísse o município vizinho de Cotia o total atingia 53 mortes.

Quanto às doenças provocadas pelo trabalho, os dados apresentados pelo INPS não condizem com a realidade. No ano passado foram registrados apenas

três casos, sendo que um recente levantamento feito pelo Sindicato dos Metalúrgicos constatou-se que uma em cada três empresas contamina os trabalhadores com produtos químicos prejudiciais à saúde.

Se não existe o cuidado necessário na prevenção às doenças profissionais, no seu tratamento a situação ainda é pior. Uma cidade industrial como Osasco - onde só em metalúrgicas trabalham 53 mil pessoas - não existe nenhum hospital que faça o tratamento destas doenças do trabalho.

Uma das armas dos operários dentro das fábricas são as Cipas. Em conjunto com o Sindicato elas tem condições de fiscalizar e exigir condições de trabalho mais seguro para o trabalhador.

Foto Carlos Marx Alves

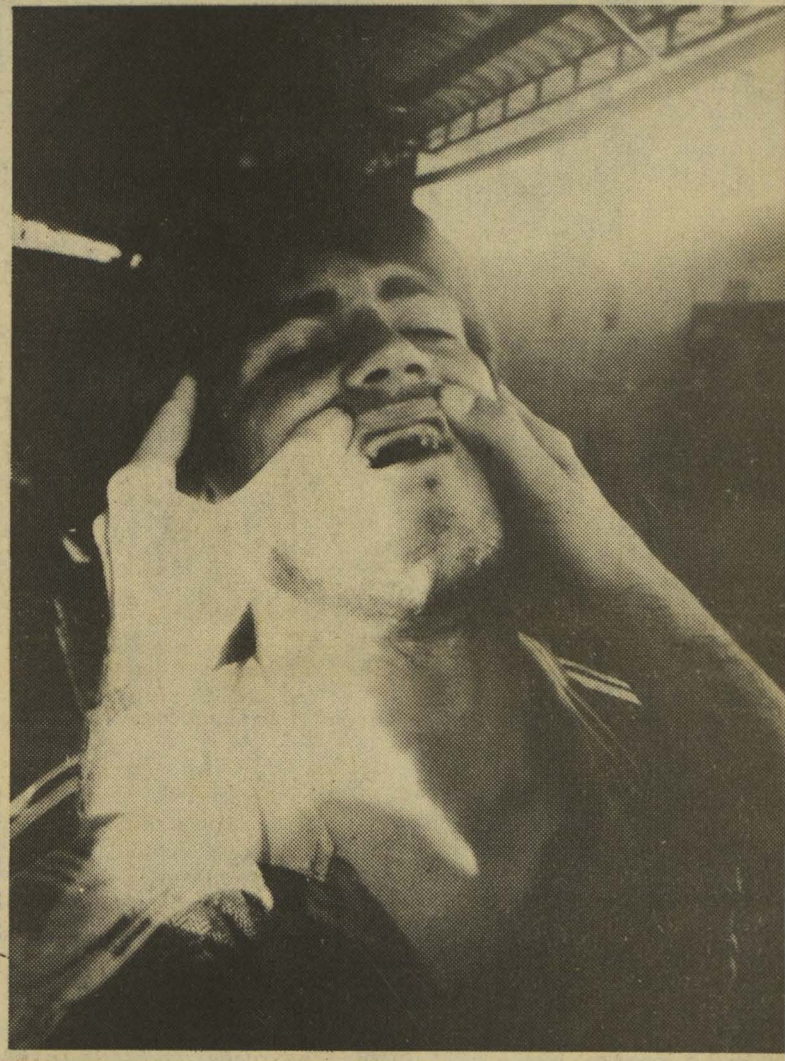
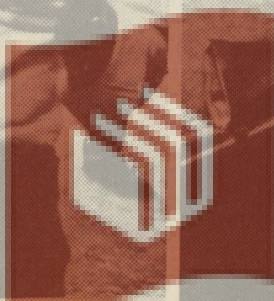


Foto Carlos Marx Alves



Na fábrica Croni (foto ao lado) as irregularidades são gritantes: não existe ventilação; não oferece máscaras apropriadas e mulheres trabalham na galvanoplastia, o que é proibido por lei (foto abaixo). Manuel Simplicio é examinado, e o médico pede seu afastamento do serviço para tratar das lesões.



CDM
Centro de Documentação e Memória
Fundação Maurício Grabois